

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Marina Siqueira Drey

**JORGE AMADO E A RENÚNCIA BIOGRÁFICA:  
1941 - 1942**

Florianópolis

2014

Marina Siqueira Drey

**JORGE AMADO E A RENÚNCIA BIOGRÁFICA:  
1941 - 1942**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do grau de bacharel.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Regina Oliveira Ramos.

Florianópolis

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Drey, Marina Siqueira  
Jorge Amado e a renúncia biográfica: 1941-1942 / Marina  
Siqueira Drey ; orientadora, Tânia Regina Oliveira Ramos -  
Florianópolis, SC, 2014.  
57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão. Graduação em Letras Português.

Inclui referências

1. Letras Português. 2. Jorge Amado. 3. Espaço  
biográfico. 4. Acervo literário. 5. 1941-1942. I. Oliveira  
Ramos, Tânia Regina . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Letras Português. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



**“JORGE AMADO E A RENÚNCIA BIOGRÁFICA:  
1941-1942”**

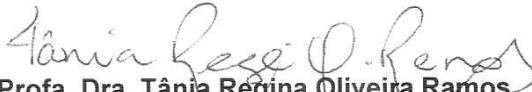
**MARINA SIQUEIRA DREY**

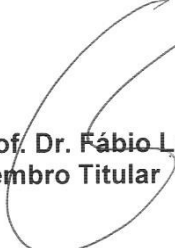
Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do título de

**BACHAREL EM LETRAS**

e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Habilitação  
Bacharelado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa  
da UFSC.

Banca Examinadora:

  
Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos  
Orientadora e Presidente da Banca

  
Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva  
Membro Titular

  
Prof. Dr. José Ernesto de Vargas  
Membro Titular

Campus Universitário – Trindade - Florianópolis  
Fone: 3721-9293 FAX: 3721-9817



Sempre a vocês, mãe e pai, dedico (e dedicarei) minhas conquistas. Esta é uma. E é nossa.

Aos meus amores de sempre, Margarete, Rudimar, Luiza e João Pedro: muito obrigada por vocês sempre estarem comigo, perto ou longe.

Ao meu amor com quem há quatro anos iniciei o para sempre: Ricardo Henrique, muito obrigada por nós. É você, só você.

À professora Tânia, por toda a sensibilidade que a torna mais que uma orientadora, muito obrigada por permitir que eu faça parte de algo em que acredita.

Ao professor Jair Zandoná, por cada sugestão, por toda a atenção, muito obrigada pela gentileza ímpar.

“Sob a história, a memória e o esquecimento. Sob a memória e o esquecimento, a vida. Mas escrever a vida é outra história. Inacabamento.”

Paul Ricoeur

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar as obras do espaço biográfico *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, do Instituto Moreira Salles, e *Navegação de Cabotagem*, de Jorge Amado, no que se refere aos anos de 1941 e de 1942, uma vez que este período corresponde ao tempo em que o autor autoexilou-se na Argentina e no Uruguai, tanto para escrever uma biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes, quanto para fugir do repressivo Estado Novo de Getúlio Vargas, tendo em vista sua qualidade de militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Esta investigação é oriunda da constatação de que o intervalo de tempo 1941-1942 tornou-se lacunar na biografia do autor, na medida em que não se encontraram registros documentais que pudessem esclarecer esta passagem de vida; aliado a isso, soma-se o fato de Jorge Amado negar-se falar do autoexílio em virtude do que declarou ser um comprometimento ético com aqueles que, assim como ele, militaram pela causa comunista. A proposta de investigar os discursos das construções narrativas mencionadas parte da minha inserção no Núcleo de Literatura e Memória (nuLIME) da UFSC, quando fui selecionada como pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e assim pude ter conhecimento de um acervo literário que foi doado à professora Dr<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos, coordenadora do nuLIME, no ano de 2011 no qual constam mais de mil páginas de documentos que contextualizam e tratam da vida e da produção literária de Jorge Amado justamente nos anos de 1941 e de 1942.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jorge Amado. 1941-1942. Espaço biográfico.

## ABSTRACT

This final paper aims to analyze the biographical space of *Cadernos de Literatura: Jorge Amado*, a work of Instituto Moreira Salles, and *Navegação de Cabotagem*, a Jorge Amado's book, in their relation with the period between 1941 and 1942. These years coincide with the author's self-exile in Argentina and Uruguay, when he intended to write a biography of Luís Carlos Prestes, the communist leader, and to escape from a dictatorship, known as Estado Novo, because his connection with the leftist party Partido Comunista Brasileiro (PCB). This investigation begins with the idea that there is a gap in the author's biography when it refers the 1941-42 period; it has been said because there is no documentation which could clarify this part of his life. To this gap it's added the Jorge Amado's resistance to talk about his self-exile beneath the allegation of an ethical dilemma involving who, as him, were militants for the communist cause. The proposal of researching the narratives' construction mentioned above started with my participation in the Núcleo de Literatura e Memória (nuLIME), from UFSC, when I was selected by the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) and, then, came to know the literary collection donated to the professor Tânia Regina Oliveira Ramos, nuLIME's coordinator, in 2011. The collection contained past a thousand pages of documents capable to contextualize Jorge Amado's life and literary production precisely in the years 1941 and 1942, his less documented part of life.

**KEYWORDS:** Jorge Amado. 1941-1942. Biographical space.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 OS ANOS DE 1941 E DE 1942: DA TEORIA ÀS MATERIALIZAÇÕES BIOGRÁFICAS, DAS MATERIALIZAÇÕES BIOGRÁFICAS À TEORIA</b> .....	12
1.1 O ESPAÇO BIOGRÁFICO.....	12
1.2 IDENTIFICAÇÃO DOS LUGARES DE ENUNCIÇÃO.....	16
1.2.1 <b>Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado</b> .....	16
1.2.2 <b>Navegação de Cabotagem</b> .....	21
1.3 ENTRE CADERNOS E NAVEGAÇÕES: REFLEXÕES POSSÍVEIS .....	23
<b>2 O NÃO DITO COMO IDENTIDADE BIOGRÁFICA</b> .....	34
2.1 A CONSTRUÇÃO DO SILÊNCIO: DA FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO À CASA DO RIO VERMELHO.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40
<b>ANEXOS</b> .....	42
ANEXO A – REGISTRO DO AGRADECIMENTO DE CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA À FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO.....	42
ANEXO B – REGISTRO DOS ANOS DE 1941 E DE 1942 EM <i>CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: JORGE AMADO</i> .....	43
ANEXO C – 1º REGISTRO DE 1942 EM <i>NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM</i> .....	45
ANEXO D – 2º REGISTRO DE 1942 EM <i>NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM</i> .....	48
ANEXO E – 1º REGISTRO DE 1941 E 3º REGISTRO DE 1942 EM <i>NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM</i> .....	50
ANEXO F – 4º REGISTRO DE 1942 EM <i>NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM</i> .....	51
ANEXO G – 5º REGISTRO DE 1942 EM <i>NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM</i> .....	53
ANEXO H – DOCUMENTO DO ACERVO JORGE AMADO QUE INDICA A ESCRITA DE <i>O CAVALHEIRO DA ESPERANÇA</i> .....	57

## INTRODUÇÃO

Superemos as premissas recorrentes no tocante a Jorge Amado no que diz respeito à popularidade, à tradução em larga escala, ao reconhecimento internacional, bem como às adaptações a partir de suas obras. Nesta proposta de trabalho abro mão, ainda, de discorrer deste como o homem do povo que, representante da Bahia, conquistou uma infinidade de leitores, pois, mais do que reverberar os já ditos sobre o autor, procuro dissertar acerca de duas construções biográficas frente ao apagamento, que perdurou por quase sete dezenas de anos, dos anos de 1941 e de 1942 da história de Amado. Hiato biográfico em todos os relatos de vida por ele protagonizados, os anos da década de 1940, aos quais me refiro, são expostos em poucas linhas pelas narrativas biográficas, de forma que ao leitor, por exemplo, cabe a informação de que 1941 corresponde ao período em que lançou *ABC de Castro Alves* e se (auto)exilou no Uruguai, com intuito de coletar material para escrever a biografia de Luís Carlos Prestes; e 1942, ao espaço de tempo em que publicou, em Buenos Aires, *A vida de Luís Carlos Prestes*<sup>1</sup> (ver anexo H), que, mesmo em espanhol, foi comercializada clandestinamente no Brasil, e só, segundo o registro de Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado, por exemplo<sup>2</sup>.

Todavia, estes acontecimentos que *Cadernos* relata marcam um equívoco muito provável no que se refere à ordem dos destinos de Jorge Amado, que, no ano de 1941, primeiro embarca para Buenos Aires, acredito, onde ficou até dezembro, uma vez que neste período é que rumo a Montevideu<sup>3</sup>. Acerto de itinerário este, passivo de certificação, via correspondência oriunda da *Mala de Jorge Amado*: um acervo literário que ultrapassa 1.400

<sup>1</sup> Na *Mala de Jorge Amado* (também denominada *Acervo Jorge Amado*) do nuLIME, sobre o qual discorrerei logo mais, encontrou-se o que se julgou ser a projeção desta biografia de Prestes, originalmente publicada com o título em espanhol, *La Vida de Luís Carlos Prestes*, uma vez que em um datiloscrito do Acervo lemos o registro de um livro que se chamaria *O Cavaleiro da Esperança*, título parcialmente aproveitado para a publicação no Brasil: *O Cavaleiro da Esperança. De gentleman a guerreiro*.

<sup>2</sup> As mesmas informações biográficas (com exceção da ordem das datas em que esteve no Uruguai e na Argentina) são registradas, só que de maneira mais íntima, no livro de relatos que Zélia Gattai e os filhos, João Jorge Amado e Paloma Jorge Amado, escrevem para homenagear o autor: *Jorge Amado – um baiano romântico e sensual*. No depoimento Zélia Gattai diz que “Jorge Amado encontrava-se exilado na Argentina e no Uruguai. Lá escrevera *Vida de Luís Carlos Prestes*, que depois recebeu o título de *O Cavaleiro da Esperança*, e *Terras do sem fim*. O livro sobre Prestes só fora editado em espanhol. Em português, nem pensar! Qual o editor que se arriscaria, no Brasil, a ter a edição apreendida? Os livros em castelhano entravam clandestinamente no país e eram lidos também clandestinamente. Paulo Mendes conseguiu um exemplar, me emprestou e eu, sem nunca ter falado nem lido espanhol, li o livro todo traduzindo para mamãe. Admiradora de Jorge Amado, assombrada ao ver meu desembaraço na tradução, de vez em quando mamãe me interrompia: – Você está inventando... nunca falou em espanhol... como é isso?”. GATTAI, Zélia. *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 13-14.

<sup>3</sup> Trabalho com esta hipótese em virtude da comprovação, via *Mala*, da permanência do autor em Buenos Aires até dezembro e, também, em razão das passagens de 1941 e de 1942 em *Navegação* que asseveram esta suposição.

páginas<sup>4</sup> de documentos, que contextualizam e tratam da existência de Jorge Amado ao longo de 1941 e de 1942 no que se refere tanto a questões pessoais quanto literárias, e que hoje fixa residência no núcleo de Literatura e Memória (nuLIME), da UFSC, o qual integro desde agosto de 2013 ao ser selecionada como pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pela professora, e então orientadora, Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos, coordenadora do núcleo.

A investigação a que me disponho neste trabalho decorre do meu envolvimento com esta *Mala*, que foi doada ao nuLIME no ano de 2011, na qualidade de espólio, pela filha de uma amiga do escritor que, assim como ele, militava pela causa comunista. Rosa – (codi)nome o qual a herdeira menciona para reportarmo-nos à mãe – ficou com uma *mala* de Jorge Amado no Uruguai, na qual estavam acondicionados os materiais que o autor levava para, e recolhera no exílio: correspondências pessoais de alguns dos partícipes do Partido Comunista, poemas, principalmente laudatórios a Luís Carlos Prestes, um romance inédito e inacabado, *São Jorge dos Ilhéus*, homônimo, portanto, de outro livro do escritor, datiloscritos de capítulos iniciais do romance *Terras do Sem Fim* (na *Mala* intitulado como *São Jorge dos Ilhéus*), fotos, panfletos, recortes de jornais etc.

Levamos a hipótese, nós, pesquisadoras da *Mala*, de que a ação do escritor de deixá-la para trás poderia ser justificada por, pelo menos, três motivações imediatas, a saber: 1) os documentos que a compõem comprovam a relação direta de Jorge Amado com a *Aliança Nacional Libertadora* e com o *Partido Comunista*, o que era arriscado manter junto de si em tempos de Estado Novo; 2) o conteúdo comprometedor da/na mala exporia os companheiros de luta, pois, caso fosse preso, muitos militantes seriam também interceptados; e 3) questões pessoais tratadas em alguns documentos poderiam também ser uma justificativa, pois o conteúdo de algumas correspondências, de foro íntimo, explicariam o abandono. Frente a isso, tais registros separaram-se do autor no ano de 1942, quando regressou ao Brasil, estes tentaram retornar às suas mãos por inúmeras vezes, por meio do esforço da guardiã, Rosa, que, conforme relato da filha, tentou contato com Jorge Amado que optou por ignorar a existência destes documentos.

Foi este movimento de abandono que fundou, a meu juízo, a impossibilidade da construção de uma narrativa biográfica vasta de 1941 e de 1942, uma vez que este arquivo da *Mala* representa, até então, a única via de acesso à descoberta dos acontecimentos do exílio.

---

<sup>4</sup> Este Acervo foi catalogado no ano de 2013, como Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Jorge Amado e os anos de 1941-1942: documentos para uma história ainda não contada*, pela aluna Thalita da Silva Coelho, de acordo com os critérios adotados pela professora Dr.<sup>a</sup> Maria da Glória Bordini no seu *Manual de Organização do Acervo Literário de Erico Veríssimo*, 1995.



Dessa forma, ao não integralizar o acervo da Fundação Casa de Jorge Amado<sup>5</sup>, ao ser partícipe de um contexto particularmente sigiloso<sup>6</sup>, e, ainda, considerando-se o depoimento de Jorge Amado na sua *navegação*<sup>7</sup> de que não tratará deste recorte de sua vida, o desconhecimento deste arquivo tornou inviável uma produção biográfica para além de “exilou-se no Uruguai e na Argentina para biografar Prestes”, deixando aos pesquisadores que investigam a vida do autor, uma lacuna a qual me ocuparei neste empreendimento monográfico.

O que procuro explorar, portanto, são as formas de dizer o pedaço de tempo 41-42, via duas obras d’o *espaço biográfico*<sup>8</sup>, a saber: *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, revista-homenagem publicada pelo Instituto Moreira Salles, e o livro de apontamentos memorialísticos, *Navegação de Cabotagem*, escrito pelo autor. A seleção destas para o desenredo em questão se justifica por três fatores. Ao primeiro cabe o da investigação em questão dar-se sob dois prismas narrativos, o biográfico e o autobiográfico; este representado por *Navegações*, aquele por *Cadernos*. A discussão que se ocupa daquilo que se convencionou denominar de gênero mestiço, diz respeito ao segundo fator que explica a escolha das obras, uma vez que a mim interessa uma reflexão acerca do “hibridismo do hibridismo” contido nas obras em questão, em razão de que ambas transbordam às categorias narrativas canônicas do gênero no qual seriam classificadas. Assinalo como terceira, e última, justificativa desta escolha o “embate” subjetividade X subjetividades oriundo destas obras, uma vez que *Navegações* propõe-se a figurar enquanto palanque de um sujeito, no que se refere ao número de enunciadores, e *Cadernos* vira terreno de ocupação, em virtude dos vários *eus* que constroem Jorge Amado.

---

<sup>5</sup> A Fundação Casa de Jorge Amado, instituição privada de caráter cultural, inaugurada no dia 2 de julho de 1987, é o abrigo oficial da materialidade da obra e da vida do escritor Jorge Amado e, em vista disso, a maior instituição que se ocupa da recuperação, preservação, e circulação da memória social do escritor baiano.

<sup>6</sup> Era 1941 e o país vivia sob o golpe do Estado Novo de 1937. Getúlio Vargas proibira as atividades do Partido Comunista Brasileiro – criado no ano de 1922, foi o partido com o maior tempo de atividades no país, ideologicamente baseado em Karl Marx e Friedrich Engels, é, portanto, um partido de esquerda – e da Aliança Nacional Libertadora – organização de cunho político que teve por objetivo lutar contra a influência fascista no Brasil – mandando, além disso, encarcerar os militantes perante a justificativa de proteger o país do “golpe comunista”. Luís Carlos Prestes estava preso e, com a Segunda Guerra Mundial, a perseguição aos militantes comunistas ficou mais intensa. Em decorrência disso, inúmeros intelectuais brasileiros foram exilados, ou acabaram por exilarem-se na tentativa de fugir de Vargas, entre eles, Jorge Amado que, a pedido do Partido, foi para a Argentina (1941) e para o Uruguai (1942) atrás de material para pesquisar a vida de Prestes e publicar a biografia do “camarada”.

<sup>7</sup> Refiro-me ao livro autorreferencial do autor, *Navegação de Cabotagem*, no qual se propõe a registrar acontecimentos diversos por ele vivenciados.

<sup>8</sup> Conceito cunhado por Leonor Arfuch (2010) que, grosso modo, pretende figurar enquanto horizonte de inteligibilidade que procura dar conta da multiplicidade das estruturas narrativas que se ocupam do *eu*.

# 1 OS ANOS DE 1941 E DE 1942: DA TEORIA ÀS MATERIALIZAÇÕES BIOGRÁFICAS, DAS MATERIALIZAÇÕES BIOGRÁFICAS À TEORIA

## 1.1 O ESPAÇO BIOGRÁFICO

É por intermédio da memória que a história de uma vida se constitui como relato e, por conseguinte, como narrativa e como história. Nesse movimento, ela articula, em um mesmo plano, as condições individuais e as condições coletivas de transmissibilidade da narração. Dizendo de outra forma, a memória é compreendida como fenômeno de construção tanto individual, na medida em que está contida na recordação dos acontecimentos que tecem a vida do homem, quanto coletivo, uma vez que a experiência individual se desenvolve na relação com outro(s) sujeito(s). A experiência e o tempo atravessam-se em concomitância, de forma que se agrupam e constituem a estrutura da vivência humana. Tal relação interdependente é comprovada pela memória que se alonga do passado ao presente em um exercício ininterrupto que o estudioso Henri Bergson<sup>9</sup> chamou de “duração interior”. A lembrança, dessa forma,

é, se se quiser, o desenrolar de um novelo, pois não há ser vivo que não se sinta chegar pouco a pouco ao fim da sua meada; e viver consiste em envelhecer. Mas é, da mesma maneira, um enrolar-se contínuo, como o de um fio numa bola, pois nosso passado nos segue, cresce sem cessar a cada presente que incorpora em seu caminho; e consciência significa memória.<sup>10</sup>

Se não há consciência sem memória, a vida passa a ser tomada como uma adição regular e consecutiva das experiências do passado. Nesse sentido, supõe-se que o processo de duração interior tenha, em cada releitura que fizer da memória, a competência de organizar seus rastros e, mais do que isso, que seja capaz de arranjar as lembranças de forma que no ato de narrar, além da identificação objetiva, haja a constatação de uma “função social”<sup>11</sup>. Função esta que se dá em razão de que a natureza da comunicação é, por excelência, dialética e, dessa forma, destina-se sempre a outrem.

No que se refere à ação de uma “narrativa vivencial”<sup>12</sup>, tal perspectiva interlocutora sinaliza à consideração de que o *valor*<sup>13</sup> da narrativa biográfica esteja contido na sua

<sup>9</sup> BERGSON, Henri. *Os pensadores*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 145.

<sup>10</sup> BERGSON, op. cit., p. 146.

<sup>11</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, 421.

<sup>12</sup> ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010, p. 16.

competência de indagar a vida e a relação entre os indivíduos, uma vez que, nessa direção, “a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência”<sup>14</sup> a contar do saber comunitário, socializado oralmente pelo poeta desde a Antiguidade, à verossimilhança do testemunho após Auschwitz<sup>15</sup>: do (auto)biográfico, o gráfico se edifica.

Leonor Arfuch ([2002] 2010), a esse respeito, trata de tais narrativas, as de caráter biográfico, como construções discursivas, e, por este motivo, não são restritas a relatos objetivos nos quais identidades essencialistas se configuram. Pelo contrário, esses espaços apresentam-se, segundo a autora, como lugares em que há uma identidade narrativa dialogicamente constituída, o que implica um movimento reflexivo frente a, pelo menos, três questões, a saber: a da subjetividade dos sujeitos, a das formas de narrar, e a da relação dialética entre o *eu* e o *outro*.

É, portanto, assumindo os postulados da autora frente às escritas de si – que reconhecem a construção discursiva das tessituras de vida com a condição mínima de problematizar a subjetividade dos partícipes, a materialização da narração e a troca entre os sujeitos – que proponho a leitura de *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, e de *Navegação de Cabotagem*. Nessa perspectiva teórica, ao investigar questões substanciais em torno do narrar uma vida, sem, todavia, perder-se no que Lévinas (1979) reconheceu como a *solidão de existir*<sup>16</sup>. Leonor Arfuch propôs um caminho conceitual significativo para o entendimento das concepções que governam os gêneros biográficos, desde as escritas que se ocupam do registro de vida do outro, a exemplo de *Cadernos*, àquelas em que nos deparamos com a enunciação de um eu, que trata de si, como em *Navegação*.

<sup>13</sup> A ideia de *valor* da narrativa biográfica é oriunda das considerações de Bakhtin que postula que “um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre a vida do outro, mas também ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida”. BAKHTIN, [1979] 1982 *apud* ARFUCH, 2010, p. 55.

<sup>14</sup> SARLO, Beatriz. Crítica e testemunho: Sujeito e experiência. In: *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 24.

<sup>15</sup> Um exemplo recente de publicação voltada às experiências em um campo de concentração publicado no Brasil trata-se de SCHWAB, Jean-Luc. *Triângulo rosa: um homossexual no campo de concentração nazista*. São Paulo, Mescla, 2011. Jean-Luc Schwab afirma que foi um artigo do Jornal *L’Asace* que pôs fim ao anonimato de Rudolf Brazda, algum tempo depois de completar 95 anos. Brazda seria um último gay sobrevivente da vítima das ações nazistas.

O jogo delineado no texto é interessante, pois na apresentação o biógrafo afirma: “Esse trabalho de reconstituição foi para mim emocionante e muito comovente, mas tendo consciência de que não pretende ser exaustivo. Sem dúvida, restam algumas incertezas, pois os documentos de época ou as pessoas de confirmar determinados fatos não existem mais” (SCHWAB, op. cit., p. 12).

<sup>16</sup> Acerca desta questão Leonor Arfuch aponta que “Contrariamente à ideia moderna da singularidade como o que não se repete de cada ser em sua diferença, Emmanuel Lévinas, numa perspectiva ontológica coloca o ponto do irreduzível naquilo que é comum a cada um dos seres humanos, a *solidão do existir*, o mais privado, o que não pode ser compartilhado com ninguém, apesar de estarmos rodeados de seres e coisas.” ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010, p. 129. [grifos da autora].

Segundo a autora, os gêneros biográficos podem ser reconhecidos para além dos gêneros canônicos, como a biografia e a autobiografia, em razão da paradoxal e constitutiva duplicidade da globalização que intensificou a produção de narrativas de vida, permitindo que gêneros mais abrangentes e transversais, como a entrevista e o *blog*, por exemplo, passassem a fazer parte deste universo de escrita, em razão de que estes seriam procedentes dos processos de subjetivação plurais e dinâmicos das ressignificações dos sujeitos. Canônicos ou não todos eles vêm integrar, portanto, o que Leonor Arfuch denomina de *o espaço biográfico*, terminologia que, nas palavras da teórica:

[...] se revelou altamente produtiva, enquanto horizonte analítico para dar conta da multiplicidade, lugar de confluência e circulação, de semelhança de família, proximidades e diferenças. A expressão, tomada emprestada de Philippe Lejeune (1980), vinha assim introduzir uma delimitação do universo.

[...] O empréstimo – na verdade, quase metafórico – se abria, no meu projeto, a outro desenvolvimento conceitual: *uma espacialização* [...] onde confluíam num dado momento formas dissimilares, suscetíveis de serem consideradas numa interdiscursividade sintomática, por si só significantes, mas sem renunciar a uma temporalização, a uma busca de heranças e genealogias, a postular relações de *presença e ausência*.<sup>17</sup>

A ideia do espaço biográfico enquanto lugar no qual se fundem diversas configurações de subjetivação é substancialmente compreendida, portanto, como parte da composição do mundo contemporâneo e de sua correlacionada subjetividade que ressuscitou o sujeito naquilo reconhecido como a virada subjetiva<sup>18</sup>, e que colocou em voga a própria constituição heterogênea do ser, representada desde a própria diversidade narrativa deste espaço, que não se resume a um somatório de gêneros, mas, ao contrário, caracteriza-se como lugar de inteligibilidade no qual uma subjetividade dialógica e plural se constrói.

Somente neste contexto, *Cadernos e Navegação* são reconhecidos enquanto narrativas legítimas do biográfico, no sentido de não ocuparem categorias secundárias de classificação devido a suas construções que transbordam os limites das formas do cânone, tanto do gênero biografia, quanto do gênero autobiografia. Assim, essas obras poderiam ser lidas como a *hibridização da hibridização*, se desta forma fosse possível as definir; primeiro porque em ambas as narrativas estão contidas as questões “ficção ou história?”, “fabulação ou realidade?”, historicamente discutidas no tocante à tessitura biográfica; segundo porque superada a primeira questão – uma vez que se assume a escrita da vida como ficção e história,

<sup>17</sup> Ibidem, p. 21-22. [grifos da autora]

<sup>18</sup> Esta noção diz respeito ao aumento significativo, por volta do dos anos de 1980, do exercício da literatura do *eu*, que passa a ser objeto de manifestação pública, além de íntima, dado que a biografia passa a ser “reivindicada pela musa da história”. DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 16.

tendo em vista que ela se estrutura via linguagem –, a segunda hibridização estaria na própria forma em que se apresentam, pois *Cadernos* materializa-se com mais de um gênero do espaço biográfico: o primeiro do compêndio corresponderia a uma acepção *clássica* de biografia, pois se trata de uma narrativa cronológica, que ambiciona a totalização da vida do personagem Jorge Amado, o segundo gênero contido no volume em questão é a entrevista, partícipe do universo biográfico tanto quanto a própria biografia *pura*, conforme assevera Leonor Arfuch (2010). Aliado, ainda, a estes dois gêneros do espaço biográfico, a obra propõe ao leitor outros formatos (ensaios, fotos, depoimento de amigos etc.) que juntos intentam oferecer, ao leitor, Jorge Amado em sua plenitude, ambição histórica do gênero biográfico, que é desconstruída, como Leonor Arfuch coloca, por meio da *ilusão biográfica*, tecida por Pierre Bourdieu (2006), sobre a qual discorrerei mais adiante neste trabalho. *Navegação*, por seu turno, anuncia-se, a meu juízo, propositalmente enquanto espaço mestiço quando abdica da qualidade de gênero *maior*, ao assumir-se em uma realidade de apontamento, e não de memória. “*Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*”: assim Jorge Amado retoma acontecimentos de sua vida por meio da negação do gênero memorialístico enquanto *monumento*, desde a origem, no prefácio.

Em vista disso, parece plausível que Leonor Arfuch incorpore a perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso no espaço biográfico, tendo em vista que estes se dão “como agrupamentos marcados constitutivamente pela heterogeneidade e submetidos a constante hibridização no processo da interdiscursividade social”<sup>19</sup>. Assim, observa o dialogismo como uma dinâmica intrínseca à linguagem que possibilita, por um lado, a compreensão específica das formas que produz, e por outro

habilita a ler, na dinâmica funcional do biográfico, em sua insistência e até em sua saturação, a marca da *falta*, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade de identificação e que se encontra [...] no *valor biográfico* – outro dos conceitos bakhtinianos – enquanto ordem narrativa e atribuição de sentido à (própria) vida, uma ancoragem sempre renovada.<sup>20</sup>

Por este motivo, Leonor Arfuch assinala para o fato de que o universo do espaço biográfico se dá somente no interior da categoria da narrativa, uma vez que a possibilidade de contar uma vida, ou ainda, a de *restaurar* o vivido, existe somente em uma tessitura em que estão organizados fatos, sentimentos e afetos sob uma perspectiva temporal que é própria da narrativa. Isso porque a narrativa biográfica vem a ser um terceiro tempo, advindo da

<sup>19</sup> ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010, p. 29.

<sup>20</sup> ARFUCH, op. cit, p. 29-30. [grifos da autora]

inseparabilidade entre ficção e história, configurado por um entrelugar que deixa a *mimesis* em prol da *poiésis*, que desloca o mesmo para um si mesmo para, finalmente, via narrativa, construir a vida. Este caráter quase inclassificável do gênero biográfico, “dividido entre a propensão ficcional e a ambição de relatar o real vivido”<sup>21</sup>, é o que permite a ele o trunfo “de abrir as portas ao conjunto das ciências humanas e literárias”<sup>22</sup> e, assim, figurar enquanto espaço transversal de estudos, revisitado assiduamente nos últimos anos.

A seguir, como primeiro movimento para a exploração do recorte específico que se refere a duas construções biográficas distintas de 1941 e de 1942, partícipes deste espaço transversal de estudo, proponho o reconhecimento macro das obras em que estes discursos estão inseridos, *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, e *Navegação de Cabotagem*, uma vez que julgo pertinente o discernimento dos *lugares* de enunciação de cada uma destas construções partiram para melhor compreendê-las em suas constitutividades.

## 1.2 IDENTIFICAÇÃO DOS LUGARES DE ENUNCIÇÃO

### 1.2.1 Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado

*Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* foi publicado no ano de 1997, pelo Instituto Moreira Salles, organização sem fins lucrativos fundada por Walther Moreira Salles, em 1990, que se propõe a promover, desenvolver e ampliar programas culturais que atuam, principalmente, nas áreas de fotografia, música, literatura e iconografia. Uma vez que é detentor de acervos nas distintas áreas acima mencionadas, o objetivo fundamental do Instituto é o de

difundir esses acervos da maneira mais ampla. Isso requer um ingente trabalho prévio de higienização e digitalização de imagens e sons, e sua melhor catalogação, para servir a exposições e a publicações e atender pesquisadores e outros consulentes. Mas vai além. O IMS tem aperfeiçoado e renovado seu endereço na internet ([ims.com.br](http://ims.com.br)) para propagar de forma ágil e gratuita seus acervos e sua programação. [...] Memória está em quase tudo o que o IMS faz. Ser guardião do passado é missão das mais nobres. De um passado que não fique estagnado, mas que seja também fundamental para entender o presente e enfrentar o futuro. Na melhor inspiração de sua história, o IMS quer construir legados culturais. É a isso que vem se devotando.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p.20.

<sup>22</sup> DOSSE, op. cit., p.17.

<sup>23</sup> PINHEIRO, Flávio. Instituto Moreira Salles. Em: <<http://www.ims.com.br/ims/instituto/historia>>. Acesso em: 27 outubro 2014).

Assim, *Cadernos Jorge Amado* faz parte de um projeto maior que se propõe dar voz, ou melhor, capa – haja vista que cada volume é destinado a uma única figura expoente da literatura brasileira – ao autor. Em razão de sua “surpreendente dimensão popular e internacional”<sup>24</sup>, e de sua peculiar influência sociocultural, Jorge Amado ocupa o terceiro número da coleção, atrás somente de João Cabral de Melo Neto e de Raduan Nassar, escolhidos para o primeiro e segundo volumes da coleção, respectivamente.

As 170 páginas em papel couchê, contando da primeira à última folha do exemplar, seguem o mesmo padrão das demais publicações da *Cadernos de Literatura Brasileira* desde a apresentação da capa, com uma foto com efeito preto e branco do autor escolhido, até o conteúdo, que propõe uma exploração, que se pretende absoluta – eu diria –, da vida e da obra do escritor, dá ao leitor uma pretensa segurança de compreensão frente aos segmentos de produção e de existência do sujeito selecionado para a edição. A *Cadernos Jorge Amado*, excluída a apresentação, é dividida em nove seções assim denominadas: 1) Memória Seletiva; 2) Confluências; 3) Entrevista; 4) Geografia Pessoal; 5) Inéditos; 6) Variantes; 7) Correspondências; 8) Ensaio; e 9) Guia.

Em *Memória Seletiva* destaca-se o caráter primeiro que desta seção se pretende, a meu juízo: a apreensão da totalidade da vida do autor materializada naquilo que poderia ser caracterizado como uma *biografia tradicional*, uma vez que a narrativa inicia, em uma perspectiva cronológica linear, com o episódio que antecede o nascimento de Jorge Amado, o casamento dos pais no ano de 1911, até o último registro possível da trajetória do escritor, a escolha de *Tieta do Agreste* como tema do carnaval de Salvador em 1997. Considerando que o volume fora lançado quando o romancista ainda era vivo, poder-se-ia considerar que, desde a origem, a “totalidade Jorge Amado” é corrompida, uma vez que a obra será tomada sempre na sua realidade *datada*. No que diz respeito à seção, *Memória Seletiva*, saliento a padronização das informações: são dispostas em colunas idênticas de texto, nas quais estão contidas as informações da vida do autor, contadas em curtos parágrafos iniciados pelo ano ao qual se referem. As informações, de fácil apreensão, são auxiliadas por inúmeras fotos que dão conta de elucidar o breve texto biográfico, destas imagens do compêndio destaco a presença de Zélia Gattai, segunda esposa de Jorge Amado – que, depois do autor, é quem aparece com maior frequência nas ilustrações. Assim, nesta parte da obra, tem-se uma descrição sintética, organizada e *visualmente* totalitária da vida do autor, uma vez que todas

---

<sup>24</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997, p. 6.

seguem uma mesma ideia, qual seja a de objetivamente tratar de Jorge Amado de forma que uma perspectiva homogênea de informações prevaleça.

Em *Confluências*, o leitor é convidado a admirar Jorge Amado, por meio do depoimento de amigos, enquanto escritor, companheiro e ser humano. Nesta seção edifica-se – na minha leitura – uma forma de assinatura que advoga em favor de Amado, como possibilidade de oferecer ao escritor maior credibilidade – se é que o renome do autor não baste por si – via o *status* do(s) outro(s) que o complementa(m):

Ao lado do escritor peruano Maria Vargas Llosa, escreve sobre Jorge Amado o antropólogo Darcy Ribeiro (no que viria a ser um dos seus últimos textos), o cineasta Nelson Pereira dos Santos, o economista Celso Furtado, a tradutora Francesa Alice Raillard e o arquiteto Oscar Niemeyer.<sup>25</sup>

Em *Entrevista* temos, enquanto leitores, a oportunidade de sentirmo-nos mais próximos do escritor, ao lermos suas palavras acerca de sua trajetória ao longo da vida no que toca a assuntos de ordem diversa, como o processo de criação, a crítica em torno da sua produção, suas preferências de leitura, dentre outras questões. Como pesquisadoras, deparamo-nos com um dos gêneros partícipes, segundo Leonor Arfuch, do espaço biográfico, uma vez que

O novo traçado do espaço público transformou decisivamente os gêneros autobiográficos canônicos, aqueles que esboçavam as formas modernas de enunciação do eu. O avanço da mídiatização e de suas tecnologias da transmissão ao vivo fez com que a palavra biográfica íntima, privada, longe de se circunscrever aos diários secretos, cartas, rascunhos, escritas elípticas, testemunhos privilegiados, estivesse disponível, até a saturação, em formatos e suportes em escala global. Nesse horizonte, uma forma peculiar parece concentrar as funções, tonalidades e valores – biográficos – reconhecíveis aqui e ali nos diferentes gêneros: a *entrevista*, que poderá se tornar indistintamente biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória, testemunho.<sup>26</sup>

Seguindo, na seção *Geografia Pessoal*, ensaiam-se em 19 páginas, 19 fotos, em distintos tamanhos, que procuram visualizar, literalmente, a produção ficcional de Jorge Amado. As imagens de Salvador e de Ilhéus possibilitam ao leitor mais atento uma desconstrução do estereótipo exclusivamente festivo e turístico destes lugares, dado que além de belas paisagens, deparamo-nos com o povo trabalhador e simples; o mar vem acompanhado de barcos de pescadores e Salvador tem seu momento sarjeta, com edificações

---

<sup>25</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>26</sup> ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010, p. 151. [ grifo da autora]



insalubres e sujeira na rua. Em Ilhéus o trabalhador no cacauzeiro ocupa duas páginas da compilação.

*Inéditos, Variantes e Correspondência* vêm “numa tacada só”. São 11 páginas que pincelam, ilustram, materializam e certificam tanto a produção ficcional do autor, via imagens de originais, quanto sua vida social, por meio da digitalização de bilhetes recebidos dos famosos Mário de Andrade, Otto Lara Resende e Pablo Neruda. *Inéditos*, especificamente, é reservado para que o público entre em contato com uma pequena parte de *A apostasia universal de Água Brusca*, romance que o escritor nunca concluiu. *Variantes* é exemplificado com quatro versões de *Do Recente Milagre Dos Pássaros Acontecido Em Terras De Alagoas, Nas Ribanceiras Do Rio São Francisco*. *Correspondência* segue, para concluir, com imagens dos originais dos bilhetes, na íntegra, recebidos pelo autor; neste espaço a presença que faço questão de registrar é a da Fundação Casa de Jorge Amado que, escreve *Cadernos*, cedeu “gentilmente para a revista”<sup>27</sup> (ver anexo A) os exemplares para a publicação.

Este registro, o do agradecimento no interior no texto, destaca-se – no meu julgamento – como afirmação da afirmação, uma redundância, pois no espaço formal, “Agradecimentos”, já consta a gratidão da edição à Casa. Este movimento, além de reconhecer a Fundação na qualidade de maior, mais completo e conhecido acervo de Jorge Amado – uma vez que a ela recorre para obter informações até mesmo inéditas do autor, colocando-a, portanto, como universo inesgotável de descobertas quando o assunto é o escritor baiano – afirma-se como um agrado ao arconte<sup>28</sup>, quero dizer: a Casa de Jorge Amado é, pela origem, um lugar de pesquisa sobre o autor, aberta ao público, ao pesquisador. Logo, não seria óbvio o interesse desta em divulgar e possibilitar o acesso aos documentos para a difusão da obra do escritor baiano?

Eduardo de Assis Duarte, um dos maiores e mais respeitados estudiosos de Jorge Amado na Academia, inaugura *Ensaio*, espaço no qual três tessituras teóricas são registradas (além dele colaboram para esta seção o crítico Fábio Lucas e o sociólogo Roberto DaMatta) para que, empiricamente, o leitor “mais acadêmico” se convença de que Jorge Amado é, sim – mesmo que ainda ocupe os primeiros lugares entre os maiores *best-sellers* do país, ainda que

<sup>27</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997, p. 77.

<sup>28</sup> Jacques Derrida, em *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana* ([1995] 2001), defende que todo arquivo implica a efetivação de uma instância de autoridade. Ao explorar a raiz da palavra arquivo (arkhê) o autor evidencia que esta designa ao mesmo tempo *começo* e *comando*, dessa forma, portanto, duas perspectivas são postas: a da história e a da lei. O autor observa, ainda, que o sentido de arquivo é advindo do arkhêion grego, um domicílio que era o lugar onde os magistrados superiores residiam, também chamados de *arcontes*. Ou seja, o arquivo é detido pelo arconte, este, por sua vez, é um sujeito que representa o poder. Assim, o arquivo subordina-se aos interesses do arconte, na medida em que este, o arquivo, auxilia-o na manutenção do poder.

escreva com uma linguagem “fácil” as mazelas do mundo, mesmo seus livros sendo adaptados para a televisão e cinema, não esquecendo também de que o autor mesmo reconhece-se *menor* esteticamente, comparado a outros destaques da literatura brasileira<sup>29</sup> –, digno da universidade<sup>30</sup>.

O leitor, nas páginas finais do volume, encontra-se com o que é denominado de *Guia* – além de, nesta altura, já estar munido da certeza de ter desbravado Jorge Amado de cima a baixo –, um roteiro de todas as produções<sup>31</sup> do autor desde o início da vida até o ano de 1997, período em que *Cadernos* foi às bancas e livrarias. As obras têm uma breve descrição, algumas delas estão acompanhadas de uma pequena foto da capa de uma das edições em que foram publicadas. Neste espaço, também deparamo-nos com uma espécie de “sumário Jorge Amado”, isto é, uma relação de publicações de natureza distinta acerca do autor, são elas: 1) os títulos de textos publicados sobre ele; 2) uma relação das produções que escreveu em parceria; 3) uma lista das traduções de suas obras (registradas com tradutor, data e país) por idioma; 4) sua fortuna crítica, na qual consta a relação dos livros, dos ensaios incluídos em livros e das dissertações e teses em que Jorge Amado foi estudado; 5) separatas; 6) artigos de jornais; 7) artigos de revistas; 8) entrevistas; 9) documentários; 10) CD-ROMs; 11) documentários; 12) fotografia; e, finalmente, 13) adaptações de suas produções (para o cinema, para os quadrinhos, para rádio, para o teatro e para a televisão).

Acredito que a afirmativa “*Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* intenta edificar-se enquanto compêndio-referência sobre Jorge Amado” não soará exagerada diante do que foi exposto até aqui, na medida em que julgo evidente o discurso de integralidade construído no concernente à existência do autor, por meio de um movimento que requereu uma infinidade de construções subjetivas, uma vez que vários autores contribuíram

<sup>29</sup> “Não sou Guimarães Rosa. O Rosa é o mais importante, um escritor que a gente olha, preza e se sente pequeno diante dele”. JORGE AMADO *apud* CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado, 1997, p. 6.

<sup>30</sup> A esse respeito, aliás, não preciso ir longe, ilustro a incerteza do valor acadêmico de Jorge Amado com a própria experiência do nuLIME com a *Mala*, qual seja a de que esta está no núcleo principalmente pelo fato de que fora recusada, antes de oferecida à professora Tânia Regina Oliveira Ramos, por dois professores pesquisadores. Neste caso, reside dupla resistência, pois se trata de material inédito, produção sem “peso”/respaldo de alguma instituição de prestígio capaz de agregar legitimidade a tais produtos. Nessa direção, o Acervo Jorge Amado reivindica a discussão sem-fim do *valor* literário e ilustra, por exemplo, as considerações do teórico Roberto Reis – em REIS, Roberto. Cãnon. In: JOBIM, José Luiz. Org. *Palavras da crítica: uma introdução*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. – no que se refere às reflexões do *poder* adjacentes ao Cãnone, dado que o estudo da literatura é subordinado a “um sistema de preferências, conscientes ou não”. COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. 226.

<sup>31</sup> Quanto às publicações de produções literárias o volume avisa, em nota de rodapé, na primeira página de apresentação da revista que não incluirá “as obras cuja reedição é vetada pelo autor e nem as escritas em parceria.” CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997, p. 5. Isto se aplica, todavia, à cronologia biográfica apresentada em *Memória Seletiva*, uma vez que em *Guia*, mencionam-se tais publicações.

fragmentariamente para a unidade biográfica que se apresenta ao leitor e que, por sua vez, transborda à classificação canônica de biografia.

### 1.2.2 Navegação de Cabotagem

Quando comemorava oitenta aniversários, Jorge Amado publicou *Navegações de Cabotagem*<sup>32</sup>, um livro com memórias que não é de memórias, conforme a declaração do próprio autor no que seria um *quase* subtítulo da obra: *Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, originalmente publicado no ano de 1992. *Quase*, pois a primeira edição do livro não trazia o adendo ao título, diferente da que tenho em mãos, “By herdeiros de Jorge Amado”, da Editora Record (2006), no qual o anúncio ao gênero renegado é dado já na capa.

O livro reúne as lembranças do autor e, por conseguinte, as de acontecimentos marcantes do século XX, todas elas registradas sem ordenação cronológica, uma vez que, nas palavras dele: “As notas que compõem esta navegação de cabotagem (ai quão breve a navegação dos curtos anos de vida!), à proporção que me vinham à memória, começaram a ser postas no papel a partir de janeiro de 1986”<sup>33</sup>. Assim, mesmo que não siga uma ordenação temporal crescente, é possível identificar a lembrança mais antiga, que ocorreu por volta da década de 1920, na qual Jorge Amado discorre acerca do ciclo do cacau, bem como a mais recente, datada por volta dos anos de 1990, quando o autor residia ora em Paris, ora em Salvador.

Neste ínterim, toca às suas produções ficcionais e às adaptações que delas emergiram, da mesma forma, o entorno familiar alcança acentuado espaço, e Zélia Gattai, especialmente, ganha *status* de comandante na navegação amadiana que, rememora sua capitã desde as primeiras páginas da viagem. Amigos também não são esquecidos, famosos ou não. Do mundo artístico muitos nomes emergem, a exemplo do artista plástico Aldemir Martins, do cubista Pablo Picasso, dos poetas Raul Bopp e Nicolás Guillén, assim como de outros escritores renomados da literatura como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Osman Lins, Pablo Neruda, Gabriel García-Márquez, Mario Vargas Llosa e Raquel de Queiróz.

As 544 páginas da edição que detenho se dão, portanto, sem um ordenamento que cumpra uma lógica temporal cronológica linear, ou qualquer outra aparente, seja uma divisão

---

<sup>32</sup> Navegação de Cabotagem é a denominação que recebe a navegação feita pela costa do território brasileiro com a finalidade de transporte entre os portos do país.

<sup>33</sup> AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p. 09.

por capítulos, uma anunciação de temas comuns, uma marcação de memórias preferidas, ou marcantes, ou tristes, ou felizes... Nada, *niente*. A metáfora da navegação parece ser levada a sério, no sentido de mergulhar mar adentro, de navegar, navegar, navegar, de afundar-se em Jorge Amado. Dessa forma, a leitura dos acontecimentos narrados, supostamente de maneira aleatória, organiza-se de um jeito que o leitor não é capaz de arranjar os fatos lado a lado, como em uma (auto)biografia por exemplo, o único recurso que ainda poderia lhe caber para organizar a dispersão de informações, seria o da data e o do lugar, registrados na maioria dos apontamentos. Todavia, Jorge anuncia:

De logo quero avisar que não assumo qualquer responsabilidade pela precisão das datas, sempre fui ruim para as datas, elas me perseguem desde os tempos de colégio interno. Estudante de história, interessado nas figuras e nos feitos, esquecia as datas e eram as datas que os professores exigiam. A referência a ano e a local destina-se apenas a situar no tempo e no espaço o acontecido, a recordação. Quanto aos apontamentos não datados, traduzem a experiência adquirida no correr dos anos: sentimentos, emoções, conjecturas. Se alguém desejar as lembranças da infância do autor deve recorrer a um texto datado de 1980, publicado em livro sob o título de O Menino de Grapiúna – as ilustrações de Floriano Teixeira compensam o preço e o volume. [...] <sup>34</sup>

Não, as datas não servem. Quer dizer, Jorge Amado marca suas vivências no tempo e no espaço, reconhecendo, desta forma, a importância deste movimento para a prática de leitura apreendida usualmente, mas, em concomitância, registra seu descompromisso com a precisão deste movimento.

Ainda no que toca à construção do parágrafo citado acima, chama a minha atenção a própria elaboração, uma vez que nela identifico a intencionalidade de aproximação pessoal com o leitor, de maneira a fazê-lo sentir-se um amigo, como se com o autor compartilhasse histórias, momentos e sentimentos comuns, ao passo que o leitor é facilmente capaz de concordar com Amado: “sim, Jorge, também sou péssimo para datas!”.

Baseando-me, portanto, no contorno até aqui tracejado, ocupo-me a defender que o compêndio em questão, da primeira a última palavra, organiza-se de forma a apresentar-se despretensioso, o que se trata de uma construção intencional do autor, que inicia – como mencionei – com o título que marca uma proposta *menor* de registro quando, ao leitor, informa que não oferecerá memórias, apenas apontamentos guiados pelo registro de ano e de local, dados que, todavia, não deverão ser levados em conta, pois nem mesmo o autor assume “qualquer responsabilidade”<sup>35</sup> sobre eles, devido ao fato de ser “ruim para as datas”<sup>36</sup> o que é

---

<sup>34</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>35</sup> AMADO, op. cit., p. 9.

<sup>36</sup> AMADO, op. cit., p. 9.

plausível, dize-nos, uma vez que assim o fora a vida inteira, conforme a conversa fiada com o leitor.

Assim, nesta altura, arrisco-me a reconhecer nesta produção amadiana uma proposta *autoficcional* de escrita, isto é, um registro de uma “ficção de fatos e acontecimentos estritamente reais”<sup>37</sup> estruturada, portanto, desde a própria negação do gênero, quando Jorge Amado abdica de uma formalização canônica da escrita de si, no sentido de não assumir *Navegação* como um livro de Memórias e, no caminho inverso, oferece ao leitor apontamentos.

### 1.3 ENTRE CADERNOS E NAVEGAÇÕES: REFLEXÕES POSSÍVEIS

É evidente que ambas as obras endossam o que Leonor Arfuch (2010) apontou como justificativa para a intensificação das narrativas biográficas: a constitutiva e paradoxal duplicidade da globalização que, por um lado, é detentora de uma lógica homogeneizante, e por outro, estimula a singularidade via espaço biográfico – dado que as novas *tecnologias da presença*, terminologia empregada pela autora, como o *blog*, o *talk show*, e o *reality show*, por exemplo, são resultado do *boom* da globalização – considerando-se que as narrativas deste lugar são capazes de devolver um *quê* de singularidade aos biografados. Em *Navegação*, por exemplo, este movimento seria assegurado pela anunciação de Jorge Amado como personagem, uma vez que, os outros sujeitos aparecerão conforme as lembranças do autor, ou seja, a presença do *outro* é mediada pelo *eu* da enunciação. Já o *status* singular de Jorge Amado construído por *Cadernos*, por sua vez, se dá pela via contrária de *Navegação*, na medida em que os *outros* se ocultam enquanto protagonistas em prol da elevação do personagem Jorge Amado como estrela maior.

Estas formas de singularidade do *eu* ainda explicariam, segundo Leonor Arfuch (2010), o motivo pelo qual a devoção à memória desenvolveu-se na América Latina principalmente a partir da década de 80, com a quebra de regimes totalitários, desencadeando na pós-ditadura uma onda de testemunhos que, conforme os postulados da estudiosa Beatriz Sarlo “se converteu num relato de grande impacto fora do cenário judiciário”<sup>38</sup>, constituídos por meio da transformação do eu que efetiva a verossimilhança, isto é, sendo a temporalidade

<sup>37</sup> DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Trad. Jovita M. G. Noronha, Mara Inês Coimbra Guedes. BH: Editora da UFMG, 2014, p.120.

<sup>38</sup> SARLO, Beatriz. Crítica e testemunho: Sujeito e experiência. In: *Tempo passado: cultura da memória e ginada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 24.

da narração uma ficção, em virtude de que esta se dá sempre em outro tempo, a testemunha não poderá reivindicar a verdade histórica, pois seu ponto de vista se encontrará sempre noutra época, o da narrativa.

Em outras palavras, a temporalidade separa e, por isso, se torna uma diferenciadora que fica entre a enunciação e a história, ou seja, entre o tempo do narrado e o tempo do ocorrido, conforme coloca o filósofo Paul Ricoeur (1994), em razão de que o tempo presente impõe sua perspectiva atual sobre o que foi contado, sem que o então autor, antes personagem, consiga abdicar desta imposição. Nesse sentido, não há a possibilidade de um *resgate*, dado que a composição biográfica é a própria fragmentação do sujeito encadeada sobre uma identidade em construção, produção e, conseqüente, invenção. Assim, Leonor Arfuch remete-nos à “ilusão biográfica”, uma das críticas mais contundentes à biografia, tecida pelo sociólogo Pierre Bourdieu ([1986] 2006) que identifica tal ilusão como a noção de unidade e progressão deslocada comumente de uma certa ideia de narrativa para o relato biográfico. Os pressupostos que configurariam a biografia, observa Bourdieu, são construtos sociais – como a noção de história unitária, constituída por uma sucessão cronológica, e orientada por uma intenção da qual um planejamento é depreendido – legitimados pelos contratos sociais os quais somos resignados – os documentos oficiais de identificação, o nome próprio, etc. Nas palavras do estudioso:

Tentar compreender uma vida como uma série única e autossuficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro liame que a associação a um “sujeito” cuja constância é sem dúvida apenas a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar reproduzir um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, ou, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição das diversas espécies de capital que estejam em jogo no campo considerado.<sup>39</sup>

Em vista disso, podemos concluir que a organização dos fatos vividos não passa de uma ilusão, tal qual postula o autor, considerando-se que o sujeito não se restringe a uma ordenação exclusivamente cronológica quando efetua o movimento de contar um fato que se deu no passado, “como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’”<sup>40</sup>, isto é, ao elaborar uma sequencialidade de acontecimentos, acaba por eleger fatos em conformidade com outros fatores que lhe são pertinentes e, dessa forma, estrutura a ilusão biográfica, em razão de que a composição apresentada sempre poderia ser outra. Assim, desnuda a crença do senso comum de que a

<sup>39</sup> BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 88.

<sup>40</sup> BOURDIEU, op. cit., p.189.

história de uma vida é passível de ser contada como um todo, por meio de uma lógica *óbvia* da trajetória narrada.

Lógica esta assumida por *Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado* que intenta constituir-se, segundo minha leitura, como uma narrativa completa da vida do autor, a considerar suas partes, desde a retomada cronológica da vida de Jorge Amado, passando por capítulos de natureza diversa, que tomam o autor por distintos olhares e em diferentes acepções, até o último, e não por isso descuidado, movimento de enumerar e discorrer acerca de toda a obra de Jorge Amado, bem como de seus desdobramentos, como adaptações e estudos acadêmicos. Essa construção renuncia a uma aceitação da ilusão postulada por Bourdieu e, dessa forma, corrobora, para um discurso que não se ocupa em problematizar o que ali foi posto, almejando edificar-se, portanto, como fonte confiável, diria até irrefutável, de informação.

Assim, as informações acerca dos anos do autoexílio apresentam-se neste contexto que inibe a leitura de uma possível ausência, ou desinformação, no concernente a Jorge Amado. A começar pela organização de vida do autor que adota a perspectiva consecutiva de trajetória, até a padronização do registro, apresentado, neste caso, em exatas, e objetivas, 23 linhas, viáveis, no que diz respeito à quantidade, exclusivamente em razão da diagramação das folhas, cujo *layout* possui três colunas de texto que disputam espaço com algumas fotos do autor e de seu entorno. Nesta configuração (ver anexo B), portanto, está posto ao leitor que Jorge Amado em

1941 Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa possível campanha por sua anistia. Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina. Lança *ABC de Castro Alves*, que marca o início de seu contrato com a Livraria Martins Editora, de São Paulo (seus últimos livros vinham saindo pela José Olympio).

1942 Publica em Buenos Aires *A vida de Luís Carlos Prestes*. Embora editado em espanhol, o livro é vendido clandestinamente no Brasil. Volta ao país, mas é preso ao desembarcar em Porto Alegre. De lá é enviado para o Rio. Não permanece, porém, na então capital federal: a polícia decide despachá-lo para Salvador, onde fica confinado.<sup>41</sup>

Esta composição objetiva de informar a vida do autor por meio de uma construção linguística que recusa qualquer evidência lírica de escrita, parece-me reivindicar uma perspectiva histórica que se refere a uma produção de sentidos rígidos no concernente à biografia. A esta pretensão ingênua, Bourdieu assinala que o que está posto em um trabalho biográfico será sempre o embate entre experiências e identidade, encadeadas pela via da

<sup>41</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997, p. 12-13.

comunicação e da linguagem, pois o desafio de escrever uma vida inscreve-se num espaço em que o factual histórico e o ficcional unem-se, ou conforme escreve o filósofo Paul Ricoeur, encontram-se num “misto instável entre fabulação e experiência”<sup>42</sup>.

Por este motivo, ainda, os gêneros do espaço biográfico são tidos como *locus* transversal e interdisciplinar enquanto objeto de estudo, em razão de que trazem em si a interrogação a respeito do que, efetivamente, seja a significação da história de uma vida – quer dizer, o significado de narrar uma existência –, ao mesmo tempo em que delinea o gênero, exhibe uma indagação a respeito da compreensão da dimensão do conceito de história de vida, que, quando tomado pelo senso comum, como já observei, parte da premissa de que uma vida pode ser compreendida como narrativa, como relato, no qual a existência dos sujeitos é resultado de uma série de desdobramentos espaço-temporais demarcados por um começo, um meio e um fim (que acima denominei *trajetória*). A questão que está posta é: seria possível o descolamento de uma vida de forma tão linear e objetiva?

“Não”, é a resposta que encontramos n’*O Espaço Biográfico*. Isso porque, pontua Leonor Arfuch (2010), a competência de reflexão acerca do que fazemos e, nesse caso, acerca do que fazemos conosco (e também daquilo que permitimos que seja feito) é resultado da nossa condição humana, e esta se dá pela linguagem, que autoriza uma (re)invenção, (re)construção, (re)criação de nós mesmos. Por isso, essa linearidade se torna possível apenas dentro da categoria narrativa que supre as lacunas inerente à vida com linguagem, uma vez que ao biógrafo cumpre operação de “fazer escolhas drásticas e dolorosas, aceitar as falhas, as lacunas na documentação, e preenchê-las com a dedução lógica ou com a imaginação; é o espaço sonhado da invenção, da ficção. É o instante da escrita”<sup>43</sup>.

É no limiar da intersecção entre o instante imaginativo da escrita articulado aos dados *reais* do personagem biografado que se estrutura o cerne da construção biográfica. Esta concede ao leitor, conforme escreve o historiador e biógrafo Françoise Dosse: “a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe, por isso mesmo, comparar sua própria finitude a da personagem biografada”<sup>44</sup>, o que se torna possível somente em razão do “empenho constante de construção do eu em confronto com o outro”<sup>45</sup>. Nesse sentido, portanto, poder-se-ia considerar a própria condição incompleta do ser, sobre a qual Bakhtin discorre, a responsável por colocá-lo frente à tessitura da vida do outro como um movimento para a

<sup>42</sup> RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Campinas: Papirus, 1991, p.191.

<sup>43</sup> DOSSE, Françoise. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 16.

<sup>44</sup> DOSSE, op. cit., p. 13.

<sup>45</sup> DOSSE, op. cit., p. 13.



compreensão de si. E, mais ainda, levando em conta que, para Leonor Arfuch, não é viável a existência de uma identidade entre o autor e o personagem, pois, como coloca Bakhtin, há uma incompatibilidade do enunciador frente à própria história, pois esta é atravessada pela temporalidade, este *outro*, por conseguinte, pode vir a ser o próprio sujeito quando se enuncia como objeto da biografia, ou no caso em questão, como objeto de uma escrita autorreferencial.

É com esta noção de um sujeito que não ignora a problematização da implicação da memória como lugar de confluência entre fato e ficção, e por isso reconhece-se na qualidade de outro – uma vez que assume a tessitura do tempo atravessando aquele que era, com o sujeito que é – que sugeri uma proposta de escrita autoficcional por parte de Jorge Amado. Essa minha assertiva parte da própria constituição estrutural de *Navegação* que, a mim, parece reivindicar a realidade intrinsecamente fragmentária da existência quando se recusa à tessitura de uma unidade, identificada tanto na outra obra analisada neste trabalho, quanto na proposta (auto)biográfica canônica.

Com isso, ao *jogar* para o leitor a impossibilidade da recuperação da vida, apontando para o fato de os apontamentos serem *algumas* de suas vivências, aliando a isso, o não ordenamento linear das lembranças, não esquecendo, precisamente, de seu anúncio frente ao descompromisso com a precisão dos lugares e das datas ali colocados, Jorge Amado (de)marca a fabulação enquanto origem da tessitura factual que escreve, e, dessa forma, abdica a noção de verdade unívoca da vida, reconhecendo-se a si, e a escrita que propõe, na qualidade fragmentária do existir.

Assim, acredito que *Navegação* encaixar-se-ia no conceito de *autoficção* cunhado por Serge Doubrovsky, no seu romance *Fils*: “Ficção, de fatos e acontecimentos estritamente reais”<sup>46</sup>, definição que, mesmo datada do ano de 1977, ainda pode ser considerada segundo o autor, “a essência do gênero, se é que existe gênero”<sup>47</sup>. Este registro de despreocupação do teórico no que toca à existência, ou não, da autoficção como gênero, justifica-se em virtude da importância que esta assume como uma forma pela qual o sujeito reconhece para se enunciar, de maneira que renuncia à noção de verdade reivindicada pela categoria canônica autobiográfica, por exemplo.

Destaco, ainda, como questão que aproxima *Navegação* de um texto autoficcional a manifestação do autor na introdução ao livro que diz

---

<sup>46</sup> DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaios sobre a autoficção*. Trad. Jovita M. G. Noronha, Mara Inês Coimbra Guedes. BH: Editora da UFMG, 2014. p. 120.

<sup>47</sup> DOUBROVSKY, op. cit., p.120.

Deixo de lado o grandioso, o decisivo, o terrível, o tremendo, a dor mais profunda, a alegria infinita, assuntos para memórias de escritor importante, ilustre, fátuo e presunçoso: não vale a pena escrevê-las, não lhes encontro a graça.

Não nasci para famoso nem para ilustre, não me meço com tais medidas, nunca me senti escritor importante, grande homem: apenas escritor e homem. Menino grapiúna, cidadão da cidade pobre da Bahia, onde quer que esteja não passo de simples brasileiro andando na rua, vivendo. Nasci empelicado, a vida foi pródiga para comigo, deu-me mais do que pedi e mereci. Não quero erguer um monumento nem posar para a História cavalgando a glória. Que glória? Puf! Quero apenas contar algumas coisas, umas divertidas, outras melancólicas, iguais à vida. A vida, aí tão breve navegação de cabotagem!<sup>48</sup>

Percebo neste excerto uma semelhança com um parágrafo, também da introdução, de *Fils*, em que Doubrovsky escreve:

Autobiografia? Não, é um privilégio reservado aos importantes desse mundo, ao entardecer de sua vida, e em belo estilo. Ficção de acotencimentos e fatos estritamente reais; se preferirem, autoficção, por ter-se confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, avessa à boa sintaxe do romance, tradicional ou novo.

Encontro, fils de palavras, aliteraões, assonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz da música. Ou ainda, da autoficção, pacientemente onanista, que espera conseguir compartilhar seu prazer<sup>49</sup>.

Doubrovski parece assumir uma perspectiva na qual a autobiografia estaria estruturada pelas vias do valor do cânone e, assim, pautada em uma concepção monometalista da história, o que implicaria aos autobiografados a qualidade de importantes do mundo, que o autor diz não reconhecer em si. Jorge Amado, na mesma direção, oferece o rebaixamento de sua navegação a apontamentos, contrapondo-se à mesma ideia monumental de história, que o autor de *Fils* indicou, esta contrariedade estaria expressa no registro da História, com “h” maiúsculo, a qual o autor nega pertencer. Assim, Jorge Amado estaria na mesma sintonia de Doubrovsky, que se coloca contrário à concepção rígida da autobiografia que delimita contornos específicos da memória e da vida. É com uma perspectiva transgressora, portanto, que a autoficção é proposta, de forma que, desde a etimologia, dissolve o compromisso com a fidelidade que um texto autorreferencial supostamente vem a ter.

É neste contexto que se reconhece como fratura que Jorge Amado registra explicitamente, ao longo de *Navegação*, seis lembranças dos anos de 1941 e de 1942. Destas, nem todas tratam de acontecimentos em que o autor estava efetivamente fora do país, a exemplo do primeiro registro (ver anexo C), que data de 1942, mas relembra o episódio em

<sup>48</sup> AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p.11.

<sup>49</sup> DOUBROVSKY *apud* NORONHA, 2014, p. 23.

que Jorge Amado estava preso no Rio de Janeiro e, portanto, já regresso do exílio<sup>50</sup>. O segundo (ver anexo D) também é do mesmo ano, mas registra uma vivência do autor quando ainda em Buenos Aires:

Vou visitar Júlio de Mesquita Filho para comunicar-lhe a decisão tomada na reunião de Montevideu pelos exilados comunistas, ratificada na véspera em Buenos Aires: dado que o Brasil declarou guerra ao eixo nazifascistas, colocou-se ao lado das Nações Unidas, nosso lugar, nosso posto de combates é na pátria, o tempo do exílio terminou, a nova tarefa é ajudar o governo no esforço de guerra. Recito meu relambrório com convicção e jactância, Julinho Mesquita, ouve-me com boa educação e ceticismo:

– Vocês vão se entregar à polícia? É demais.

Discutimos, cada vez mais que nos encontramos discutimos, mas ao cabo e ao fim chegamos a alguma concordância, mesmo pequena é valiosa. Não daquela vez da despedida.

– Gesto bonito pode ser, mas tresloucado. – Julinho me fita com comiseração, profetiza: – Vocês ainda vão virar getulistas.

Não deu outra. A “linha justa” do Partido aprovada na Conferência da Mantiqueira iria nos conduzir à aliança com os quemistas, aos braços de Getúlio. Digo até breve, ele me pergunta se pode me ser útil, está às ordens, só falta puxar da carteira, agradeço, de nada necessito. Renovamos as expressões de estima, regresso a Montevideu, a partida para o Brasil já tem data marcada.

Meu relacionamento com Júlio de Mesquita se iniciou em 1941 quando cheguei a Buenos Aires para escrever *O Cavaleiro da Esperança* e o Partido Comunista me deu a tarefa de tratar com os liberalóides, a gente de Armando Sales de Oliveira, a hora era de alianças na luta contra o fascismo e de convivência com os políticos que rotulávamos de liberais com menosprezo e desconfiança. De início apenas cordial, com o passar do tempo e a repetição dos encontros, o conhecimento se transformou em estima, deu lugar à amizade.

Julinho liderava o grupo de exilados que na Argentina combatiam o Estado Novo sob a orientação de Armando Sales, o ex-candidato à Presidência da República encontrava-se nos Estados Unidos. O *Estado de S. Paulo* fora desapropriado, o governo o chamara a si, de trincheira da liberdade passara a porta-voz da ditadura, Julinho se mantinha ofendido e colérico. O *Estadão* mais que patrimônio da família Mesquita, era patrimônio da democracia brasileira.

Entre nós se estabeleceu um clima de mútua confiança, a fidalguia do quatrocentão paulista venceu meu pé-atrás, durante cerca de dois anos de quando em quando discutíamos política, pesávamos nossos acordos e desacordos, estudávamos o que fazer juntos, eles e nós, não mais nos estranhávamos, deixamos de ser inimigos. Julinho acompanhou com interesse a pesquisa em que me empenhei para escrever a louvação do Cavaleiro da Esperança, recomendou-me livros, lembro-me de um deles, de autoria de Aureliano Leite de quem eu viria a ser colega na Constituinte. Levei para Julinho um dos primeiros exemplares da edição Claridad de *La Vida de Luiz Carlos Prestes*. O político e jornalista da Revolução Constitucionalista guardara admiração o afeto pela figura legendária de Prestes a quem tratava por Capitão – a patente do jovem oficial quando se revoltou em 1924. Um elo a mais a nos unir, a facilitar a convivência. Éramos homens de princípio os dois, mas não éramos nem intransigentes nem sectários. A diferença consistia em ser ele educado e eu um porra-louca, mas Julinho achava divertida minha insolência comunista.<sup>51</sup>

<sup>50</sup> Este excerto é o da noite em que fora solto: “Somos os seis comunas que, juntamente com mais uma quarentena de exilados, voltaram para a pátria, entregaram-se, quando o governo brasileiro declarou guerra ao eixo nazifascista [...]”. AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p. 47.

<sup>51</sup> AMADO, op. cit., p. 53-54. [grifos do autor]

Deste longo registro, além da informação – largamente conhecida em outros escritos biográficos – que o autor escrevera uma biografia sobre Luís Carlos Prestes, no autoexílio, temos uma declaração que nos induz à consideração de que havia um movimento do Partido Comunista, no qual Jorge Amado era partícipe ativo, ademais, nada. Nada além de um depoimento que se estende em um número considerável de linhas, para o registro de um relato de amizade, que é importante, evidentemente, mas não neste contexto que intui descobertas do *proibido*.

Na terceira vez que nos deparamos com uma memória que traz um dos anos do autoexílio, percebemos que o autor ainda não havia embarcado para fora do país, visto que esta lembrança (ver anexo E), de 1941<sup>52</sup>, tem como local de indicação Curitiba. A personagem desta passagem é a mesma que aparece no próximo registro – Maria, a Chinesa –, este de 1942, em Buenos Aires: “Maria a Chinesa arrecada armas e bagagens, amanhã irá embora, aproveitamos cada minuto da noite de despedida, agora e nunca mais, ai cu ladrão!”<sup>53</sup>. No que diz respeito ao nome desta mulher, vale a informação nas páginas iniciais de *Navegação*, alertando que

Nesta navegação de cabotagem nomes de mulheres foram, por um motivo ou outro, substituídos pelo nome único de Maria, nenhum mais belo: Maria cada uma, todas elas, passageiras embarcadas nas escalas, sombras fugidas no cais do porto, de porto em porto, ciranda do velho marinheiro.<sup>54</sup>

Desta anotação, portanto, nada além de *uma* Maria – pela impossibilidade da definição do artigo que o próprio Jorge impôs –, e da observação de que Jorge Amado era casado, nesta época, com Matilde Garcia Rosa, que o autor toma pelo nome em *Navegação*, o que faz desta memória, em vista disso, um depoimento de um relacionamento extraconjugal.

A quinta e a sexta passagens (ver anexos F e G), que trazem as datas que procuro, são de 1942, ambas; a primeira<sup>55</sup> utiliza-se de quase duas páginas para discorrer acerca do retorno do escritor ao Brasil, e de alguns desdobramentos deste movimento, à outra cabe a história que inicia com a “homenagem de despedida em Montevideu aos exilados brasileiros que regressam à pátria”<sup>56</sup> – na qual Jorge Amado foi incumbido de uma missão para assim que chegasse em Porto Alegre – e termina com o ainda há pouco exilado indo dormir com uma

<sup>52</sup> “Maria a Chinesa desembarca com armas e bagagens na cama do hotel de Curitiba, aproveitamos cada minuto da noite de sponsais, agora e sempre, ai cu ladrão!”. *Ibidem*, p. 67.

<sup>53</sup> AMADO, op. cit., p. 67.

<sup>54</sup> AMADO, op. cit., p. 09-10.

<sup>55</sup> “Posto em liberdade, após alguns meses de xadrez, a policia política dá-me oito dias para sair do Rio, ir para Bahia, cidade onde devo permanecer com residência obrigatória e obrigatória apresentação à Delegacia de Ordem Política e Social uma vez por semana – jamais me apresentei. [...]”. AMADO, op. cit., p. 249.

<sup>56</sup> AMADO, op. cit., p. 295.

calcinha, de Maria Condessa dos Seios de Limão, recém tirada do bolso. No espaço entre estas ações encontra-se a informação de que a tentativa de negociação que caberia ao escritor – orientada, em Montevideú, pelo dirigente do Partido Comunista Argentino, Rodolfo Ghioldi, na homenagem de despedida – fora cumprida: encontrar o general Cordeiro de Farias (interventor do governo do estado do Rio Grande do Sul na época), e “explicar-lhe a posição dos comunistas solidários com o governo de Getúlio na guerra contra o Eixo e lhe dizer como seria desejável e útil que ele [...] fizesse uma visita a Prestes de quem se proclama amigo.”<sup>57</sup>. Pouco tempo depois, Jorge Amado é preso e enviado ao Rio de Janeiro.

Diante do exposto acerca das marcações explícitas dos anos de 1941 e de 1942 em *Navegação de Cabotagem*, reconheço duas leituras exequíveis: a primeira reconhece que Jorge Amado assume e socializa as lembranças deste período de tempo, uma vez que, por exemplo, oferece ao leitor etapas distintas deste movimento do exílio, a começar pelo ano de 1941, em Curitiba, quando não havia embarcado, até o ano de 1942, quando, além de exilado, vê-se recém-liberto no Rio de Janeiro com mais outros tantos comunistas. Tais informações caracterizariam, mesmo que não intencionalmente, uma forma de contextualização, tendo em vista que ao leitor são propostos registros que antecedem e procedem o espaço do exílio, o que facilita a compreensão dos apontamentos. Além disso, o que se depreende das páginas em questão concorda, *grosso modo*, com os acontecimentos elencados em *Cadernos*: foi para o autoexílio para escrever uma biografia sobre o líder comunista Luís Carlos Prestes, a fim de endossar a campanha por sua libertação neste tempo esteve tanto no Uruguai, quanto na Argentina, quando regressou ao país foi preso em Porto Alegre e, posteriormente, mandado para o Rio de Janeiro. Todavia, esta interpretação ignora, predominantemente, a perspectiva intencional de construção desta narrativa por parte do autor, que indiquei desde o tópico “1.2.2 Navegação de Cabotagem”. Um exemplo evidente deste *cuidado* é o da *coincidência* dos dados trazidos pelas duas escritas, *Navegação*, e *Cadernos*, na medida em que aquele procura constituir-se como uma tessitura ao acaso, que se elabora à mercê do próprio processo da rememoração, e este, por seu turno, ocupa-se em figurar como compêndio de vida do autor e, por conseguinte, elaborado de maneira consciente, objetiva e proposital.

Ainda como exemplo, para descarte desta leitura, poderíamos tomar os pequenos, mas significativos, desencontros entre o *modus operandi* de cada acontecimento, retomemos: i) segundo *Cadernos*, Jorge Amado vai para o Uruguai recolher material para biografar Prestes,

---

<sup>57</sup> Ibidem, p. 296.

e também faz pesquisa na Argentina, já o autor dá a entender que seu destino inicial foi Buenos Aires, e não Montevideú; ii) a informação que trata da prisão também é dada de maneira diferente, uma vez que o autor relata que desembarcou em Porto Alegre e, antes de ser preso, a mando de Rodolfo Ghioldi – dirigente do Partido Comunista Argentino – foi conversar com o general Cordeiro de Farias – interventor do estado do Rio Grande do Sul que, no passado, foi um comandante da Coluna Prestes – a respeito da libertação de Luís Carlos Prestes; já *Cadernos* registra a prisão do autor assim que desembarcou na capital gaúcha; iii) em outra memória, ainda sobre o episódio da prisão, Jorge Amado relata que fora libertado no Rio de Janeiro, sem um único tostão, com a ordem de se apresentar, até oito dias depois, na cidade de Salvador, o que desencontra o dado em *Cadernos* de que a “a polícia decide despachá-lo para Salvador, onde fica confinado”<sup>58</sup>.

Nestas passagens o que me chama a atenção é a discussão que, por ventura, poderia ser feita acerca de qual das duas obras estaria *certa*, note-se que no contexto no qual estas discrepâncias estão sendo postas, neste Trabalho de Conclusão de Curso, a discussão entre verdade e mentira é descartável antes mesmo de ser iniciada, em razão de que o que se torna pertinente toca à questão própria da autoficção: *a ficcionalização de fatos reais*. Quero dizer, em uma autobiografia, o compromisso com os acontecimentos vividos pelo autor, normalmente, procura cumprir o *acordo* da veracidade<sup>59</sup>, mesmo que atravessado pela temporalidade e materializado pela linguagem que, na origem, corrompe a verdade *pura*, o comprometimento com a qualidade referencial do texto continua sendo mantido. Aqui não. Jorge Amado anuncia, marca uma liberdade de construção desde o subtítulo do livro, o que faz com que a conclusão deste movimento, o de desencontro, seja proposital, independente de verdadeiro ou mentiroso, tendo em vista que o que se coloca aqui é a própria criação literária, uma vez que nenhuma das duas propostas de escrita é capaz de oferecer uma leitura documental, que *comprovaria* seu discurso.

Além disso, aponto também para o fato de que os episódios de 1941-1942 escolhidos pelo autor para ingressar na navegação, como um todo, nada agregam em termos *confessionais*, o que evidenciaria, a meu juízo, a marca da intencionalidade deste movimento de *vazio*, no sentido de ter sido uma opção de o autor escrever sobre, mas nada dizer. Todavia,

<sup>58</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997, p. 12-13.

<sup>59</sup> Esta questão remete-nos a Philippe Lejeune (1975) que define a autobiografia como uma construção narrativa em prosa na qual o sujeito escreve sobre sua vida focalizando a si, sua história e personalidade. Esta narrativa estaria submetida, segundo ele, a um pacto – o pacto autobiográfico – no qual a primeira pessoa garantiria a identidade do narrador e do personagem principal. Todavia, uma questão foi posta neste acordo: qual a identidade deste eu? O que impede que este seja um personagem fictício?

é em um apontamento de 1952, que não menciona explicitamente nenhuma das datas em questão (1941-1942), que se dá a grande *revelação* destes registros:

Durante minha trajetória de escritor e cidadão tive conhecimento de fatos, causas e consequências, sobre os quais prometi guardar segredo, manter reserva. Deles soube devido à circunstância de militar em partido político que se propunha mudar a face da sociedade, agir na clandestinidade, desenvolvendo inclusive ações subversivas. Tantos anos depois de ter deixado de ser militante do Partido Comunista, ainda hoje quando a ideologia marxista-leninista que determinava a atividade do Partido se esvazia e fenece, quando o universo do socialismo real chega a seu triste fim, ainda hoje não me sinto desligado do compromisso assumido de não revelar informações a que tive acesso por ser militante comunista. Mesmo que a inconfidência não mais possua qualquer importância e não traga consequência alguma, mesmo assim não me sinto no direito de alardear o que me foi revelado em confiança. Se por vezes recordo, sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo.<sup>60</sup>

Ou seja, o autor anuncia que não falará deste intervalo de tempo, curiosamente, em um apontamento que não data dos anos do autoexílio e que, além disso, está localizado como o *primeiro* registro memorialístico do livro. Isto é, ao iniciar a navegação, Jorge Amado fala da existência de um segredo que será incapaz de revelar, mas, mesmo assim, registra, ao menos, seis passagens de sua vida que estariam relacionadas a este episódio. Assim, acredito que procura reafirmar, ao longo do livro, o *valor* deste oculto, de forma que este movimento confere a ele um *status* de importante. Sim, aquele negado no prefácio do livro, no sentido de anunciar sua participação na história, e nesse caso, quer queira ou não, História, tendo em vista seu envolvimento direto com o Partido Comunista Brasileiro.

Nesse sentido, o segredo estaria estruturado como parte do acordo autoficcional da narrativa se considerarmos os apontamentos de Simmel (1988), para quem o silêncio está para além de uma retórica vazia, na medida em que significa, enquanto tensão entre revelação e ocultamento, elemento ao qual a narrativa autorreferencial está subordinada.

Com esta noção de tensão entre o dizível e o indizível, proponho, a seguir, uma leitura da Fundação Casa de Jorge Amado, uma vez que esta seria, para mim, partícipe central desta construção do silêncio que o autor anuncia frente aos anos de 1941 e de 1942.

---

<sup>60</sup> AMADO, JORGE. *Navegação de Cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p.14.

## 2 O NÃO DITO COMO IDENTIDADE BIOGRÁFICA

### 2.1 A CONSTRUÇÃO DO SILÊNCIO: DA FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO À CASA DO RIO VERMELHO

A Fundação Casa de Jorge Amado, no seu *website*, apresenta-se como

uma organização não-governamental e sem fins lucrativos cujo objetivo é preservar, pesquisar e divulgar os acervos bibliográficos e artísticos de Jorge Amado, além de incentivar e apoiar estudos e pesquisas sobre a vida do escritor e sobre a arte e literatura baianas. A Casa de Jorge Amado tem também como missão a criação de um fórum permanente de debates sobre cultura baiana – especialmente sobre a luta pela superação das discriminações raciais e sócio-econômicas. Para manter viva a memória do escritor – que já teve seus livros publicados em 60 países – desde que foi inaugurada, a Casa de Jorge Amado conta com uma exposição permanente de documentos, fotografias, livros, suas apropriações populares, adaptações e objetos relacionados. Também estão expostos prêmios recebidos por Jorge e fotos tomadas por Zélia Gattai, documentando o dia-a-dia do autor. Atualmente, a Fundação Casa de Jorge Amado já é considerada um ponto de referência na geografia cultural de Salvador.<sup>61</sup>

Destaco desta definição dois elementos distintos, porém complementares, que continuam, ambos, a discussão recém abandonada da tensão entre o visto e o oculto. A primeira localiza-se na afirmação da Fundação como um lugar que mantém viva a memória de Jorge Amado. A segunda refere-se à própria menção a Zélia Gattai, segunda esposa do autor, nesta apresentação da Casa anunciada pela própria instituição. O que resume, a meu juízo, a hipótese que levanto para a não reconstrução de 1941-1942: não há Zélia. Isso fica mais interessante quando há a consideração de que este movimento de manutenção da memória, o da criação da Casa, se deu quando o autor era vivo, sendo ele um dos idealizadores deste projeto que, sempre se manteve sob a supervisão de pessoas íntimas, como os filhos e, claro, a esposa: “Quando digo que Zélia é a responsável pela existência da fundação cultural estabelecida no Pelourinho, nascida da doação de meu acervo literário e que leva meu nome, digo a verdade.”<sup>62</sup> Dessa forma, a intervenção de Zélia Gattai e de Jorge Amado, reflete-se, naturalmente, em todo o projeto Casa de Jorge Amado, a contar do local onde esta é fixada, em Salvador, até no que se refere ao material que é exposto pela instituição, tendo em vista que *nem tudo* que há na Fundação é aberto ao público. Movimento

<sup>61</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: < [http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=24](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=24)>. Acesso em: 27 de outubro de 2014.

<sup>62</sup> AMADO, Jorge. Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: < [http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=24](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=24)>. Acesso em: 27 de outubro de 2014.



este que, em minha opinião, está diretamente ligado à compreensão de que a materialidade do arquivo de um escritor apresenta-se como uma forma de extensão de sua identidade pessoal, questão que se ocupa da própria ação valorativa que o autor assume enquanto sujeito histórico detentor de uma produção intelectual, uma vez que aquilo que é colocado para compartilhamento, pretende ser consequente fonte produtora de conhecimento, no qual o sujeito perdura no tempo por via da memória coletiva.

Nesse sentido identitário, quase especular, eu diria, a noção de *museu* figura como espaço autorreferencial, em razão do potencial multiforme que detém, tendo em vista sua qualidade de compilação privada que se estende ao espaço público e, dessa forma, potencializa-se enquanto arranjo de objetos biográficos. Em virtude de estar centrado, o museu, como uma representação da personalidade do escritor também toma corpo, nessa direção, de materialidade autobiográfica.

A pesquisadora e professora de Literatura Brasileira Eneida Leal Cunha, ao discorrer sobre a Fundação Casa de Jorge Amado, aborda esta questão em relação à Instituição, defendendo que ela, estando

Inserida na paisagem romanesca principal, promovendo a convivência entre os registros da vida, as personagens da obra e figuras da história cultural baiana, a Casa pode ser lida como uma peculiar construção autobiográfica, que se valeu de parcerias, foi escrita a muitas mãos, mas tem a assinatura firme de Jorge Amado. Ao lado de *Menino Grapiúna* (1981), e de *Navegação de Cabotagem* (1992), a Casa de Jorge Amado ou a “Casa Jorge Amado”, com seu insólito nome a evocar antigas propriedades senhoriais, velhos estabelecimentos de comércio ou um título literário, pertence ao campo de biográfico, ao modo de outras instigantes construções memorialísticas que se fazem na contemporaneidade, substituindo a linearidade sequencial pela justaposição dos traços do vivido, a univocidade pelo coro não-hierarquizado de múltiplas subjetividades encenadas, o pacto da autenticidade próprio das autobiografias pelas ambivalências do discurso ficcional.<sup>63</sup>

Esta reivindicação da Casa como possibilidade autobiográfica tem respaldo nos postulados de Leonor Arfuch na medida em que é possível reconhecê-la na qualidade de arquivo e, por isso, espaço de acumulação no qual a temporalidade atravessa a sua constituição que se estende do passado ao presente contínuo de reconstrução, na medida em que um acervo é um espaço aberto. Dessa forma, Leonor Arfuch permite uma aproximação do arquivo com a biografia, em razão de que ambos são construídos via materialidade de um espaço atravessado pelo tempo:

O arquivo e a biografia são construídos a partir desse eixo indissociável [espaço e temporalidade], já que a simples lembrança ou vivência – como o texto, a fotografia,

---

<sup>63</sup> CUNHA, Eneida Leal. A “Casa Jorge Amado”. In.: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 123.

o objeto – trazem consigo o tempo e o lugar. Contudo, essa dimensão da experiência, que para Ricoeur articula toda e qualquer narrativa, se encontra distante da linha canônica de um devir datado, atestado de uma concatenação harmônica de acontecimentos. Pelo contrário, o “ordenamento” do arquivo, expressão já presente desde o distante vocábulo grego – que é, como a narrativa, uma disposição de forma e de sentido – depende exclusivamente da trama, desse tecido caprichoso que tanto a memória como a escrita, ou a busca de indícios que aproxima o arquivista do detetive, possam requerer. O relato não repõe uma ordem prévia da vida, a qual concebe como inexistente, já que se trata de uma ordem construída performaticamente, no próprio trabalho da narração, o que comprova o trabalho narrativo do arquivo. Recorrendo a Derrida, “o arquivamento, além de registrar, produz o acontecimento”.<sup>64</sup>

Em vista disso, contrário a um espaço de simples contemplação, o acervo permite a efetivação de uma dinâmica de interação que se abre à tessitura de novos discursos, dado que advém do universo das investigações em arquivos a possibilidade de romper o silêncio do cânone literário oficial. E consta exatamente neste movimento de renúncia à *reconstrução* motivada pelo acervo o cerne da elaboração discursiva solidifica frente a 1941 e 1942, uma vez que ao abandonar um acervo que diz respeito à parte de sua vida Jorge Amado inaugura um silenciamento que passa a constitutivo na sua tessitura biográfica, ou melhor, na tessitura que escolheu para si, visto que a Casa é oriunda de uma leitura de vida, de uma composição, que é arranjada de maneira intencional, uma vez que a *abertura* constitutiva do acervo possibilita um número sem fim de arranjos.

O que poderia advogar em favor desta constatação, por exemplo, é o acesso ao acervo da Fundação, que é parcialmente aberto ao público e ao pesquisador, o que vem a confirmar a condição desta Fundação como resultado de um discurso intencional, tendo em vista a discussão assumida neste trabalho no tocante à realidade fragmentária da vida que reivindica ao biógrafo o movimento de fabulação, na medida em que assume a ideia do segredo como estratégia de permanência, pois o desejo de descobrir o que não pode ser revelado instiga-nos a desvendar o outro.

Este desejo de descoberta foi o mesmo que me instigou ao empreendimento deste trabalho, motivado originalmente por um *segredo doado*, a *Mala*, que, reivindicando sua qualidade tácita, fez-me debruçar nas narrativas biográficas de Jorge Amado até que a mim chamou a atenção uma recorrência, uma presença marcada, um aviso: Zélia Gattai.

Em *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, a escritora ocupa destaque como a pessoa que mais aparece depois do autor, o que não ocorre apenas pela quantidade de fotos, mas sim em razão das próprias imagens selecionadas. *Navegação de Cabotagem* registra a

---

<sup>64</sup> ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal) de arquivo. Trad. Rômulo Monte Alto e Mayla Santos Pereira. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: UFMG: 2009, p. 370-373.

presença de Zélia assiduamente, deixando para o leitor a mensagem de companheirismo, que assume ao longo da navegação esta como *a* mulher de Jorge Amado, apagando, *naturalmente*, a presença da primeira esposa do autor: Matilde Garcia Rosa. Ainda em *Navegação* é possível observar um movimento que, a meu juízo, demarca uma desvalorização das mulheres que passaram pela vida de Amado – que não Zélia –, na medida em que o autor as chama, todas, “Maria”, destituindo-as, portanto, de suas identidades. O que é potencializado quando, por outro lado, registra um a um dos personagens que com ele navegam, nomeando-os, mencionando as datas de seus nascimentos, suas profissões, ou grau de parentesco... menos das Marias.

Da mesma forma, a presença de Zélia Gattai é fator central na Fundação Casa de Jorge Amado e, por conseguinte, na narrativa de vida do escritor, na medida em este lugar é passível de ser reconhecido na qualidade de tessitura autobiográfica, como sugere Eneida Cunha. No que toca à Fundação, a referência à Zélia Gattai é assídua, desde a apresentação, no *website*, como já mencionei, até a materialidade de seu arquivo, que tem abrigo na própria Fundação Casa de Jorge Amado, mencionado e disponibilizado parcialmente para consulta *online* no site da Casa, no espaço denominado “Acervo Zélia Gattai”.

Em vista dessa presença recorrente na vida de Jorge Amado, Zélia Gattai parece tomar *status* biográfico central na narrativa do autor, na medida em que a tessitura biográfica dele é continuamente atravessada pela presença da escritora, um exemplo recente de que esta construção biográfica é latente, é Casa do Rio Vermelho, inaugurada no dia 07/11/2014. Este foi o local em que ambos viveram boa parte da vida, e que foi apresentado ao público, como o mais novo espaço de memória do autor, e por extensão, de Zélia Gattai, na medida em que a presença da escritora se faz efetiva ao longo do museu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pela compreensão dos discursos de construção biográfica no tocante a Jorge Amado nos anos de 1941 e de 1942, vimos que *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* oferece uma narrativa na qual, em uma leitura descuidada, não é possível ser identificada qualquer lacuna, na medida em que este se propõe a figurar como compêndio-referência da vida do autor e, dessa forma, organiza-se narrativa e estruturalmente para oferecer esta segurança ao leitor. A considerar suas “partes”, como mencionei, que inicia com uma retomada cronológica linear, passa por capítulos em que o autor é assumido em diferentes acepções, e termina com um movimento que procura oferecer a informação de toda a produção literária de Jorge Amado.

Já *Navegação de Cabotagem* anuncia a fratura, indica a existência de uma parte da vida que não permitirá que o leitor acesse, mas, ainda assim, registra seis passagens da vida que estariam relacionadas a este episódio. O que julguei como um movimento de construção que procura reafirmar, ao longo do livro, o *valor* deste oculto, de forma que este movimento afirmaria uma intenção autoficcional do autor.

Assim, acredito que este trabalho conseguiu alcançar seu propósito de discorrer acerca de duas narrativas biográficas distintas no tocante à lacuna de informações da vida de Jorge Amado dos anos de 1941 e de 1942, uma vez que procurou compreender, antes disso, as implicações do espaço biográfico como lugar de convite à intimidade no qual convergem discussões complexas e paradoxais, na medida em que são interpeladas por um sujeito que se expõe diante da impossibilidade de atingir uma definição plena sobre si e sobre o mundo. Frente às discussões deste sujeito, ainda, a *Mala*, pode ser lida na qualidade de *memória cultural*, no sentido de apresentar-se como via resistente ao fluxo do tempo, sempre inexorável. Quero dizer, ao ser recuperado de sua qualidade de espólio quando doado à pesquisa, o Arquivo edificou-se de forma a notabilizar-se como única via de acesso do pesquisador e, por conseguinte, do público, até o presente momento, dos anos de 1941 e de 1942 da vida de Jorge Amado, o que fomentou um retorno à biografia de Jorge Amado e, conseqüentemente, a uma gama de discussões concernentes tanto às tessituras biográficas do *eu*, quanto às problematizações que o acervo coloca em voga, por meio das novas narrativas que dele poderão surgir.

Dessa forma, refletir sobre dois olhares do *eu*, assumindo uma perspectiva que reconhece a qualidade das escritas do espaço biográfico como construções discursivas, foi fundamental, na medida em que problematizou as relações subjetivas dos partícipes, bem

como da própria composição do mundo contemporâneo que traz à tona a inerente constituição heterogênea do ser.

Além disso, este trabalho incitou-me aos pedaços da lacuna 1941-1942 que a *Mala* detém, de forma a pesquisar os documentos do Acervo que possibilitam uma nova tessitura biográfica de Jorge Amado em 1941 e 1942, um novo rearranjo, intrínseco à própria perspectiva plural dos acervos, que abdica de quaisquer exames normativos. Em vista disso, portanto, a leitura a qual me proponho – que se acredita consciente no tocante às discussões que exploram o espaço biográfico – será apresentada como Projeto de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura desta instituição, uma vez que este movimento de investigação é significativo a Jorge Amado, à história da literatura, à história do Partido Comunista, e à história do país, ainda a ser escrita.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal) de arquivo. Trad. Rômulo Monte Alto e Mayla Santos Pereira. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG: 2009. p. 370-382.
- \_\_\_\_\_. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.
- BERGSON, Henri. *Os pensadores*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.183-191.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- CUNHA, Eneida Leal. A “Casa Jorge Amado”. In.: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.117-128.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Trad. Jovita M. G. Noronha, Mara Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 111-125.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.
- FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Em:<[http://.jorgeamado.org.br/?page\\_id=24](http://.jorgeamado.org.br/?page_id=24)> Acesso em: 27 de outubro de 2014.
- GATTAI, Zélia. *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita M. G. Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Trad. Jovita M. G. Noronha, Mara Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

PINHEIRO, Flávio. Instituto Moreira Salles. Em: <http://www.ims.com.br/ims/instituto/historia>. Acesso em: 27 outubro 2014).

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luiz. Org. *Palavras da crítica: uma introdução*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa: tomo I*. Campinas: Papirus, 1994.

SARLO, Beatriz. Crítica e testemunho: Sujeito e experiência. In: *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHWAB, Jean-Luc. *Triângulo rosa: um homossexual no campo de concentração nazista*. São Paulo, Mescla, 2011.

SIMMEL, G. *Sobre la aventura: Ensayos filosóficos*. Trad. Gustau Muñoz e Salvador Mas. Barcelona: Península, 1988.

## ANEXOS

## ANEXO A – REGISTRO DO AGRADECIMENTO DE CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA À FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

INÉDITOS/VARIANTES/CORRESPONDÊNCIA



*Bóris, o vermelho*, o romance que Jorge Amado ensaia escrever desde 1982, terá que esperar mais um pouco. Depois de *Tocaia Grande* (1984), *O sumiço da santa* (1988), *Navegação de cabotagem* (1992) e *A descoberta da América pelos turcos* (1994), quem lhe atravessou o caminho desta vez foi *A apostasia universal de Água Brusca*. Iniciado em Paris em meados de 1995, mas interrompido diversas vezes devido a problemas de saúde do escritor, o novo romance de Jorge Amado, ambientado no vale do médio São Francisco durante os anos 20 deste século, trata “da luta entre os senhores feudais, os chamados coronéis, e a alta hierarquia da igreja católica”, conforme explica o autor. Até o momento, Jorge Amado tem prontas 15 páginas de *A apostasia*.... O que se publica a seguir é o “borrão”, como diz o romancista, das duas cenas iniciais do livro. A pedido dos CADERNOS, o artista plástico Carybé deixou de lado um trabalho que estava fazendo para ilustrar o texto do amigo.

Embora chame de “borrão”, o trecho do romance que Jorge Amado entregou não tem uma correção sequer. Isto o leitor encontrará nas variantes publicadas aqui da primeira página do conto “Do recente milagre dos pássaros acontecido em terras de Alagoas, nas ribanceiras do rio São Francisco”, cedidas gentilmente para a revista pela Fundação Casa de Jorge Amado.

A título de documentação e já que se está lidando com originais, a seção é fechada com três exemplos da correspondência passiva de Jorge Amado: bilhetes de Mário de Andrade, Otto Lara Resende e Pablo Neruda, valioso material também cedido para os CADERNOS pela fundação que cuida da obra do escritor baiano.



ANEXO B – REGISTRO DOS ANOS DE 1941 E DE 1942 EM *CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: JORGE AMADO*

Hildegard Rosenthal



O romancista em meados da década de 40, época de sua candidatura à Constituinte

1936 Sofre sua primeira prisão por motivos políticos: acusado de participar do levante ocorrido em novembro do ano anterior em Natal – chamado de “Intentona Comunista” – é detido no Rio. Publica *Mar morto*, que recebe o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras.

1937 Faz papel de pescador no filme *Itapuã*, de Ruy Santos, no qual também colabora com o argumento. Viaja pela América Latina e depois vai aos Estados Unidos. Enquanto está fora, sai no Brasil *Capitães da areia*. Quando chega a Belém, vindo do exterior, é avisado pelo escritor paraense Dalcídio Jurandir do golpe de Vargas. Foge para Manaus, mas lá

é preso. Seus livros, considerados subversivos, são queimados em plena Salvador por determinação da Sexta Região Militar. Segundo as atas militares, foram queimados 1.694 exemplares de *O país do carnaval*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar morto* e *Capitães da areia*.

1938 Liberto, o escritor é mandado para o Rio. Muda-se para São Paulo, onde reside com Rubem Braga. Depois vai para a Bahia e em seguida, Sergipe; aqui imprime uma pequena edição do livro de poemas *A estrada do mar*, que distribui para os amigos. Estréia em dois consagrados idiomas literários do Ocidente: *Suor* sai em inglês pela pequena New America, de

Nova York, e *Jubiabá* em francês pela prestigiosa Gallimard.

1939 Retorna ao Rio. Intensa atividade política, em decorrência das torturas de presos e a desarticulação do Partido Comunista. Torna-se redator-chefe das revistas *Dom Casmurro* e *Diretrizes*. Inicia colaboração com a revista *Vamos ler!*, que manterá até 1941. Compõe, com Dorival Caymmi e Carlos Lacerda, a serenata *Beijos pela noite*. O escritor franco-argelino Albert Camus, futuro Nobel de Literatura (1957), escreve artigo no jornal *Alger Républicain* classificando *Jubiabá* de “magnífico e assombroso” (leia trecho deste texto no **Guia Jorge Amado**).

1940 *Diretrizes* publica o primeiro capítulo de *ABC de Castro Alves*; edita também, em forma de folhetim, a novela *Brandão entre o mar e o amor*, iniciada por Jorge Amado e continuada por José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz. Trabalha no jornal *Meio-Dia*.

1941 Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa possível campanha por sua anistia. Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina. Lança *ABC de Castro Alves*, que marca o início de seu contrato com a Livraria Martins Editora, de São Paulo (seus últimos livros vinham saindo pela José Olympio).

1942 Publica em Buenos Aires



*A vida de Luís Carlos Prestes.* Embora editado em espanhol, o livro é vendido clandestinamente no Brasil. Volta ao país, mas é preso ao desembarcar em Porto Alegre. De lá é enviado para o Rio. Não permanece, porém, na então capital federal: a polícia decide despachá-lo para Salvador, onde fica confinado.

1943 Volta às páginas de *O Imparcial* assinando a seção “Hora da guerra” e escrevendo pequenas histórias na coluna “José, o ingênuo”, que reveza com o jornalista e escritor baiano Wilson Lins. Sai *Terras do sem fim*, seu primeiro livro a ser vendido livremente após seis anos de censura.

1944 A pedido de Bibi Ferreira escreve a peça *O amor de Castro Alves*, mas a companhia teatral da atriz é desfeita antes da encenação. Lança *São Jorge dos Ilhéus*. Desquita-se de Matilde.

1945 Participa em janeiro, na condição de chefe da delegação baiana, do 1 Congresso de Escritores, em São Paulo. O encontro termina com uma manifestação contra o Estado Novo. Jorge é preso por um breve período juntamente com Caio Prado Jr.. O Barão de Itararé apresenta o romancista a Zélia Gattai na Boate Bambu, durante jantar em homenagem aos participantes do Congresso de Escritores. Passa a viver em São Paulo, onde chefia a redação do jornal *Hoje*, do Partido Comunista Brasileiro. Escreve também na *Folha da Manhã*. Torna-se secretário do Instituto Cultural Brasil-URSS, cujo diretor

Iconographia



Jorge Amado (o terceiro da esq. para a dir.) em campanha do PCB na capital paulista em 1945; ao microfone está Joaquim Câmara Ferreira, um dos líderes do partido em São Paulo e ao seu lado aparece o escritor modernista Oswald de Andrade (de cachecol)

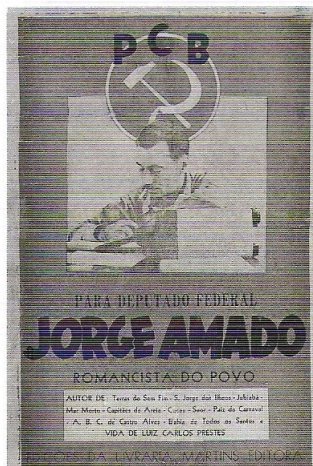
era Monteiro Lobato. Sai no Brasil *A vida de Luís Carlos Prestes*, rebatizado de *O cavaleiro da esperança*. Em julho, passa a viver com Zélia. No mesmo mês participa, ao lado do poeta chileno Pablo Neruda (que em 1971 ganharia o Nobel de Literatura), do comício de Luís Carlos Prestes no Estádio do Pacaembu, em São

Paulo. Lança *Bahia de Todos os Santos*. É eleito, com 15.315 votos, deputado federal pelo PCB. Publica o conto “História de carnaval” na revista *O Cruzeiro*. *Terras do sem fim* sai pela respeitada editora A. Knopf, de Nova York.

1946 Assume o mandato na Assembleia Constituinte e passa a residir no Rio de Janeiro. Várias de suas emendas, como a da liberdade de culto religioso e a que dispõe sobre direitos autorais, são aprovadas. Lança *Seara vermelha* (Martins) e, pela Edições Horizonte, do Rio de Janeiro, *Homens e coisas do Partido Comunista*. Entusiasmado com a leitura de *Jubiabá*, chega à Bahia o fotógrafo e etnólogo francês Pierre Verger, que acabaria se radicando em Salvador e se tornando um dos amigos mais íntimos de Jorge Amado.

1947 Publica, pela Editora do Povo, do Rio de Janeiro, *O amor*

Fundação Casa de Jorge Amado



Cartaz da campanha de Jorge para deputado federal pelo PCB (1945)



ANEXO C – 1º REGISTRO DE 1942 EM *NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM*

JORGE AMADO

rágrafos que a compunham restaram apenas os dois pequenos, o elogio a Jarbas Maranhão e os votos de sucesso na campanha. O parágrafo do meio, o grandão, onde eu fazia a apologia de Miguel Arraes e dizia de meu compromisso com sua chapa, fora cortado e jogado fora. Quem teria utilizado a tesoura: Jarbas, no Recife, ao receber a carta ou já saíra do Rio adaptada? Até hoje não sei.

Vinguei-me. Jarbas foi derrotado, eu andava pela Bahia, telegrafei a Eduardo Portella: “Apesar de nosso apoio Jarbote tubulou.”



RIO DE  
JANEIRO, 1983.  
*Os tijolos*



*Fernando Torres,  
ator, diretor e  
produtor de teatro.*

No speech que improvisa ao receber o Prêmio Molière, Fernanda Montenegro conta que um de seus avós, operário italiano, trabalhara de pedreiro na construção desse Teatro Municipal do Rio de Janeiro onde tenho a honra de lhe entregar a láurea: mais merecida, impossível.

O avô imigrante colocara os tijolos, levantara as paredes do teatro em cujo palco, com platéia de pé a aplaudi-la, a neta gloriosa, a estrela, busca conter as lágrimas. Gloriosos, ela e o marido, Fernando Torres\*, e a filha, a outra Fernanda, a jovem, a bisneta do pedreiro, palmilhando os caminhos abertos pela mãe.

Fernanda Montenegro, artista notável, cidadã exemplar, voz e garra na luta pela democracia, concorreu para o fim da ditadura militar. Convidada a assumir o Ministério da Cultura por José Sarney, pediu quarenta e oito horas para refletir. Enquanto pesava os prós e os contras, a notícia circulou, quando ela se deu conta a fila dos pretendentes a sinecuras e a mordomias dava a volta no quarteirão. Não houvesse outras razões, bastaria essa para que, apavorada, agradecesse e recusasse.



RIO DE  
JANEIRO,  
1942.  
*Política*

No meio da noite somos retirados da Casa de Correção, levados à Polícia Central, mais uma vez identificados, notificados da residência obrigatória, cada um na cidade de seu nascimento — no meu caso a polícia se engana, dá-me a capital do Estado como domicílio, sou baiano da zona do cacau, nasci no município de Itabuna. Mandam-nos em liberdade por volta das três da madrugada, chove a cântaros.



## NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM

Somos os seis comunas que, juntamente com mais uma quarentena de exilados, voltaram para a pátria, entregaram-se, quando o governo brasileiro declarou guerra ao eixo nazi-fascista, os seis que não estávamos condenados nem processados, os demais têm pena a cumprir, vão gramar três anos de prisão até o decreto da anistia. Seis comigo, os outros cinco são Fernando de Lacerda, comunista histórico, exilado na União Soviética desde 1930, o escritor Ivan Pedro de Martins, dois operários gaúchos, não me recordo quem fosse o quinto.

Quase de manhã chego à casa dos pais de Matilde, rebocando Fernando de Lacerda que não tem para onde ir. No dia seguinte a casa da Urca se transforma em centro de agitação política. O primeiro a aparecer foi Carlos Lacerda, sobrinho de Fernando, comuna em vias de romper com o Partido. Tio e sobrinho trancam-se numa sala, conversam a sós, participo da parte final do debate, o desacordo entre Carlos e o Partido é total, ao despedir-se do tio Carlos despede-se de sua fase de militância comunista, vai se transformar em visceral adversário.

Na noite desse primeiro dia de liberdade compareço ao jantar oferecido a Graciliano Ramos, o romancista comemora cinquenta anos de idade, Gustavo Capanema, Ministro da Educação, preside o ágape — eta palavrinha mais filha-da-mãe, aqui a utilizo em homenagem ao ministro. Estão presentes editores, escritores, artistas: José Olympio, Carlos Drummond, Augusto Frederico Schmidt, Lúcia Miguel Pereira, Otávio Tarquínio de Souza, Samuel Wainer, Valdemar Cavalcanti, Moacyr Werneck de Castro, o que há de mais representativo na vida literária do Rio.

Na cabeceira da mesa, em meio à conversa — conta-me no dia seguinte o velho Graça —, Capanema lhe pergunta: “*E o Jorge Amado, que é feito dele? Por onde anda?*” — sou uma espécie de assombração. “*O Jorge está aqui, sentado defronte de nós, saiu ontem da cadeia*” — responde o romancista e me aponta com o dedo. Ministro da Educação do Estado Novo, Gustavo Capanema é um liberal, estranho em meio aos dutras e aos góis monteiros. Acena para mim, contente de me ver em liberdade.

Terminado o jantar Capanema aproxima-se, diz-me coisas amáveis, aproveito para lhe anunciar a posição dos comunistas

JORGE AMADO

de apoio a Getúlio e ao governo na luta contra o Eixo, no esforço de guerra, chegou a hora de marcharmos juntos, insinuou. O Ministro escuta com atenção, mas se abstém de comentários.



LISBOA, 1979.  
O gourmet



O Parque Mayer fica no centro de Lisboa, ali se localizam teatros de revista e restaurantes populares.

Estamos saindo para o almoço no restaurante da Mimi, no Parque Mayer\*, Zélia chama-me a atenção: *olhe quem está ali*. Olho, vejo Gilberto Freyre reclinado num dos sofás do hall do Hotel Tivoli, a seu lado Madalena. Dirigimo-nos para eles.

Gilberto acaba de chegar da Espanha onde lhe renderam homenagens, recebeu um prêmio, se não me engano. Noto-o cansado, tomado pela gripe, está com baixo astral, a gripe derrota qualquer um. Na semana a seguir cumprirá compromissos em Portugal, novas homenagens, mas tem cinco dias seus, chegou sem avisar ninguém, os admiradores não sabem, nem os literatos nem os chatos, deseja aproveitar os cinco dias livres para repou-sar. Pede-nos reserva sobre sua presença na cidade.

Ligam-me a Gilberto Freyre estima e admiração, não fui vassalo de sua corte mas tive plena consciência da significação de *Casa-grande & senzala* apenas publicado em 1933 e a proclamei aos quatro ventos: em suas páginas aprendemos por que e como somos brasileiros, mais que um livro foi uma revolução. Na cena política coincidimos e divergimos, jamais as divergências resultaram em desestima, levaram ao afastamento. Quando o Estado Novo o agrediu de forma estulta, sujou de infâmia os muros de Apipucos, Anísio Teixeira, Odorico e eu fizemos Gilberto vir à Bahia para receber a solidariedade dos intelectuais da terra, reunidos em torno do pernambucano para denunciar o terrorismo da ditadura. Por ocasião do lançamento do primeiro livro de Zélia, *Anarquistas, Graças a Deus*, Gilberto dedicou-lhe artigo consagrador, se já não me tivesse no bolso do colete, me teria comprado para sempre.

Tive a ver com a derradeira homenagem que recebeu em vida. Para organizar as "belles étrangères" dedicadas à literatura brasileira no Salon du Livre de Paris, veio ao Brasil, em 1977, um



ANEXO D – 2º REGISTRO DE 1942 EM *NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM*

## NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM



BUENOS  
AIRES, 1942.  
*Convivência*



*Júlio de Mesquita  
Filho (1892/1969),  
diretor do jornal O  
Estado de S.  
Paulo.*

Vou visitar Júlio de Mesquita Filho\* para comunicar-lhe a decisão tomada na reunião de Montevideu pelos exilados comunistas, ratificada na véspera em Buenos Aires: dado que o Brasil declarou guerra ao eixo nazi-fascista, colocou-se ao lado das Nações Unidas, nosso lugar, nosso posto de combate é na pátria, o tempo do exílio terminou, a nova tarefa é ajudar o governo no esforço de guerra. Recito meu relambório com convicção e jactância, Julinho Mesquita ouve-me com boa educação e ceticismo:

— Vocês vão se entregar à polícia? É demais.

Discutimos, cada vez que nos encontramos discutimos, mas ao cabo e ao fim chegamos a alguma concordância, mesmo pequena é valiosa. Não naquela vez da despedida.

— Gesto bonito, pode ser, mas tresloucado. — Julinho me fita com comisseração, profetiza: — Vocês ainda vão virar getulistas.

Não deu outra. A “linha justa” do Partido aprovada na Conferência da Mantiqueira iria nos conduzir à aliança com os quemistas, aos braços de Getúlio. Digo até breve, ele me pergunta se pode me ser útil, está às ordens, só falta puxar da carteira, agradeço, de nada necessito. Renovamos as expressões de estima, regresso a Montevideu, a partida para o Brasil já tem data marcada.

Meu relacionamento com Júlio de Mesquita se iniciou em 1941 quando cheguei a Buenos Aires para escrever *O Cavaleiro da Esperança* e o Partido me deu a tarefa de tratar com os *liberalóides*, a gente de Armando Sales de Oliveira, a hora era de alianças na luta contra o fascismo e de convivência com os políticos que rotulávamos de liberais com menosprezo e desconfiança. De início apenas cordial, com o passar do tempo e a repetição dos encontros, o conhecimento se transformou em estima, deu lugar à amizade.

Julinho liderava o grupo de exilados que na Argentina combatiam o Estado Novo sob a orientação de Armando Sales, o ex-candidato à Presidência da República encontrava-se nos Estados Unidos. O *Estado de S. Paulo* fora desapropriado, o governo o chamara a si, de trincheira da liberdade passara a porta-voz da ditadura, Julinho se sentia ofendido e colérico. O *Estadão* mais que patrimônio da família Mesquita, era patrimônio da democracia brasileira.



JORGE AMADO

Entre nós se estabeleceu um clima de mútua confiança, a fidalguia do quatrocentão paulista venceu meu pé-atrás, durante cerca de dois anos de quando em quando discutíamos política, pesávamos nossos acordos e desacordos, estudávamos o que fazer juntos, eles e nós, não mais nos estranhávamos, deixamos de ser inimigos. Julinho acompanhou com interesse a pesquisa em que me empenhei para escrever a louvação do Cavaleiro da Esperança, recomendou-me livros, lembro-me de um deles, de autoria de Aureliano Leite de quem eu viria a ser colega na Constituinte. Levei para Julinho um dos primeiros exemplares da edição Claridad de *La Vida de Luiz Carlos Prestes*. O político e jornalista da Revolução Constitucionalista guardara admiração e afeto pela figura legendária de Prestes a quem tratava por Capitão — a patente do jovem oficial quando se revoltou em 1924. Um elo a mais a nos unir, a facilitar a convivência. Éramos homens de princípios os dois, mas não éramos nem intransigentes nem sectários. A diferença consistia em ser ele educado e eu um porralouca, mas Julinho achava divertida minha insolência comunista.



BAHIA, 1968.  
O papagaio  
devasso

Na leitura de jornais brasileiros nos dias atuais, agrada-me o avanço da liberdade de linguagem, os palavrões deixaram de existir, quer dizer deixaram de ser considerados como tais. Os vocábulos ditos cabeludos já não passam de palavras normais, desaparecido o preconceito que os discriminava, a censura que os proibia.

Não era assim até há bem pouco tempo, a imprensa levava em conta a pudicícia dos leitores, a falsidade, a hipocrisia, mais ainda a reprovação de órgãos da sociedade, as restrições religiosas. Vejo em minha frente Odorico Tavares erguer os braços para fazer mais eloquente o protesto contra a linguagem do cronista Guido Guerra, literato noviço que ele acolhera nas colunas respeitáveis do *Diário de Notícias*: *esse sujeito quer fechar o meu jornal!* Guido usara numa crônica a palavra *porreta*, expressão correntia na boca dos baianos, vetada nas páginas das gazetas.

Apesar dos esporros e ameaças — *mando-o embora, este é um jornal sério* — Guido persistia no uso e abuso de termos e locuções pouco católicas, ganhara o apelido de *papagaio devasso* pela crueldade



ANEXO E – 1º REGISTRO DE 1941 E 3º REGISTRO DE 1942 EM *NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM*

NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM

**M**aria a Chinesa desembarca com armas e bagagens na cama do hotel de Curitiba, aproveitamos cada minuto da noite de sponsais, agora e sempre, ai cu ladrão!




---

CURITIBA,  
1941.  
*Paixão*

**M**aria a Chinesa arrecada armas e bagagens, amanhã irá embora, aproveitamos cada minuto da noite de despedida, agora e nunca mais, ai cu ladrão!




---

BUENOS  
AIRES, 1942.  
*Separação*

**E**m janeiro de 1946 tomei posse na Câmara Federal de Deputados da cadeira para a qual fora designado pelos votos dos eleitores de São Paulo. Assumira com Prestes o compromisso de exercer o mandato durante três meses, voltando em seguida a meu trabalho de escritor. Fiquei dois anos, até que, num dia de janeiro de 1948, fomos expulsos do Parlamento, eu e meus companheiros de bancada.




---

RIO DE  
JANEIRO,  
1946.  
*Liberdade religiosa*

Dia triste, de derrota política, a batalha pelos mandatos durara meses, árdua e áspera —, batalha perdida, sabíamos desde o começo. Dia alegre, pois me livreí do fardo da deputação, não nasci para parlamentar, sou refratário às tribunas e aos discursos, só amo fazer o que me dá alegria, o que me diverte. Custou-me esforço colocar-me à altura do mandato, creio que não fui de todo mau deputado, apesar de minhas limitações e das decorrentes da suspeição que cercava a bancada comunista e do sectarismo que dirigia sua atuação. Fiz o possível, tarefa difícil e chata.

Se de algo me envaideço quando penso nos dois anos que perdi no Parlamento é da emenda que apresentei ao Projeto de Constituição — Senado e Câmara reunidos em Assembléia Constituinte, discutimos e votamos a Constituição de 1946 —, emenda



ANEXO F – 4º REGISTRO DE 1942 EM *NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM*

## NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM



RIO DE  
JANEIRO, 1942.  
*Cheque*

Posto em liberdade, após alguns meses de xadrez, a polícia política dá-me oito dias para sair do Rio, ir para a Bahia, cidade onde devo permanecer com residência obrigatória e obrigatória apresentação à Delegacia de Ordem Política e Social uma vez por semana — jamais me apresentei.

Não tenho um centavo, não sei como me arranjar para partir, cumprir a ordem. Aníbal Machado\* vem em meu socorro, obtém com seu irmão Cristiano, diretor de companhia de navegação fluvial no rio São Francisco, futuro candidato à Presidência da República, passagem de graça em navio de sua empresa, de Pirapora a Juazeiro, a idéia de navegar o São Francisco me encanta. Dessa viagem irá nascer *Seara Vermelha*, romance que escrevi em 1946.



*Aníbal Machado*  
(1894/1964),  
escritor.

Falta-me, porém, dinheiro para o resto, para o trem do Rio a Pirapora, para as despesas durante a viagem, a passagem de Juazeiro à Capital baiana, onde buscá-lo? Eis que recebo recado de Bibi Ferreira: soube de minha libertação, quer me falar, tem assunto a tratar comigo. Casada na época com Carlos Lage, empresário rico, Bibi montara companhia própria, marca-me encontro no Teatro Fênix onde se apresenta em peça adaptada por Miroel Silveira de *A Moreninha*, de Macedo. Inicia sua esplêndida carreira de sucessos, antes representara ao lado de Procópio Ferreira, seu pai, juntos fizeram um Molière extraordinário: intérprete de Molière fora de série, se Procópio houvesse nascido francês estaria na galeria dos gênios do palco, dos imortais.



*Graça Melo*, ator.

Assisto ao espetáculo: radiante de juventude e sedução Bibi contracenava com Graça Melo\*, esbanja talento, domina a platéia que a aclama, conversamos em seu camarim. Bibi almeja viver no palco a figura fatal de Eugênia Câmara, cômica portuguesa do século passado, a grande paixão, o desvairado amor de Castro Alves, encomenda-me peça sobre a vida do poeta dos escravos, não pode haver tema mais apaixonante, Bibi acha que sou o indicado para escrevê-la. Nunca escrevi teatro, não sei como fazê-lo, não me tenta, começo a explicar por que não posso aceitar a proposta, antes que diga não Bibi toma da caneta, assina um cheque de vinte mil cruzeiros, coloca-o na minha mão. Balanço



## JORGE AMADO

a cabeça, de acordo, aceito a prebenda, já tenho o dinheiro para as despesas de viagem. Bibi não quis sequer contrato, confia em mim, de assinatura basta a do cheque. Saio do Fênix com os cobres e a prebenda.

Quebro a cabeça durante cerca de dois anos: não nasci dramaturgo, sofro de desvio profissional, só sei conceber em termos de romance. Finalmente com muito esforço e pouca técnica coloco uma peça no papel, de início intitulada *O amor de Castro Alves*, passou a se chamar *O Amor do Soldado* para evitar confusão com o ABC. Em 1944 vou ao Rio, levo os originais e os entrego a Bibi, mas ela já não está à frente da companhia, não tem possibilidades de montar a peça encomendada. Fica com o texto datilografado, segundo ela, o manuscrito e a dedicatória valem os vinte mil cruzeiros do adiantamento, não lhe devo nada.

Primeira e única incursão na dramaturgia, pecinha mais ruim, a culpa é de Bibi. Felizmente jamais foi levada ao palco e eu não reincidi, não repeti a tentativa: variadas vezes têm-me proposto cheques gordos para escrever novela de televisão, obra de teatro. Mesmo continuando pobre e necessitado, não voltei a embolsar o cheque e aceitar a prebenda. Bastou-me uma vez quando Bibi Ferreira quis viver Eugênia Câmara. Fico imaginando que imortal Eugênia não seria a cômica portuguesa na paixão de Bibi: amorável e dissoluta, na abolição com o poeta, seu herói na cama com seu menino Ceceu, a comê-lo e traí-lo, devassa como está nos versos de amor que para Eugênia ele compôs em desvario: *Eu quero ver teu peito intumescido / ao sopro da volúpia arfar erguido...*



*Por maiores esforços tenha feito, jamais consegui localizar no céu as estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul — uma de minhas frustrações: todo mundo vê, será que vê?*



ANEXO G 5º REGISTRO DE 1942 EM *NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM*

## NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM

devotava. O gato era manso, Georges o teve ao colo, a homenagem o comoveu, deu-lhe a medida de seu renome, da repercussão de sua obra de crítico de cinema em terras tão distantes.

A história que me contou se passara no dia dos autógrafos no Comité National des Écrivains a que me referi acima: fila grande diante de Sadoul que autografava sem parar. De repente deu-se conta de que escrevera no exemplar do *Histoire de l'Art du Cinéma...* o nome de Jacques Tati e não o seu, comentou para o metteur-en-scène:

— Imagina que escrevi teu nome em vez do meu num exemplar.

— Num exemplar? Em mais de cinquenta. Há pelo menos meia hora que eu assino Georges Sadoul nos livros onde assinaste Jacques Tati. Como vês, tudo bem. — Ao contar, Sadoul comenta: parecia uma cena de filme de Jacques.

Durante a estada no Rio e em São Paulo, Sadoul passou a maior parte do tempo nas cinematecas cariocas e paulistas, assistindo filmes brasileiros, reafirmou sua opinião sobre Humberto Mauro, colocava-o na lista dos cem diretores mais importantes do cinema.

Admirador de Sadoul e de Tati, eu o sou igualmente de Costa-Gavras, também ele um mestre do cinema e do humanismo, sua câmera denuncia a opressão e o ditador. Sinto-me vaidoso da estima em que tem meu trabalho de romancista. Zélia e eu comemos comida grega em seu apartamento da rue Saint Jacques, ele e Michelle comeram feijoada na mansarda do Quai des Celestins. Agora o tenho mais próximo e fraterno, liga-nos o amor que dedicamos a Jacques Tati, somos da mesma confraria.

**H**omenagem de despedida em Montevideú, aos exilados brasileiros que regressam à pátria — o Brasil declarou guerra ao Eixo nazifascista, decidimos ser nosso dever cooperar com o governo no esforço de guerra, iremos impávidos para a cadeia. Ato político, gesto altissonante, de repercussão, alguns milhares de uruguaios se reúnem para saudar os últimos românticos. Discursos, hinos, vivas às nações unidas, à União Soviética, aos líderes, a Churchill, a Roosevelt, a Stalin, Stalin à frente e acima, Deus é bigodudo e nasceu em Gori, na Geórgia.



PORTO  
ALEGRE, 1942.  
*Conspiração  
palaciana*



## JORGE AMADO



Rodolfo Ghioldi,  
dirigente do *pecê*  
argentino.

Rodolfo Ghioldi\* ao fim da oratória chama-me para conversa a sós, anuncia-me a decisão dos *pecês* da Argentina e do Uruguai:

— Tu não irás com eles.

Irrompo em desgosto, por que motivo tentam roubar-me a glória de estar entre os patriotas que se oferecem em holocausto? Rodolfo aplaca minha ira; tranqüiliza-te, irás amanhã para o Brasil, apenas não irás no trem com os demais, vais de avião cumprir uma tarefa em Porto Alegre, de importância. Passa a explicar, escuto com atenção, tem a ver com Prestes, sinto-me recompensado.

O interventor do Estado do Rio Grande do Sul é o general Cordeiro de Farias, no futuro será marechal, no passado foi um dos comandantes da Coluna Prestes, ressaltai-lhe a coragem e a capacidade militar em *O Cavaleiro da Esperança*, deve estar coçando os ovos de contente. Minha missão é procurá-lo, obter um encontro, explicar-lhe a posição dos comunistas solidários com o governo de Getúlio na guerra contra o Eixo e lhe dizer como seria desejável e útil que ele, Cordeiro de Farias, fizesse uma visita a Prestes de quem se proclama amigo. Romperia o isolamento em que vive há sete anos o comandante-em-chefe da Coluna — minto: o comandante-em-chefe foi o general Miguel Costa, Prestes era o chefe do estado-maior, ou seja, aquele que mandava, ditava ordens inclusive a Miguel Costa. Os camaradas dirigentes dos dois partidos comunistas consideravam que tal proposta, provindo de mim, escritor conhecido, autor do livro badalado no qual o general Cordeiro faz figura de herói, teria possibilidades de ser aceita e levada a cabo. Rodolfo entrega-me a passagem de avião, aperta-me contra o peito, sei quanto Carmen e ele gostam de mim, nossa amizade vem dos tempos perseguidos da intentona.

Desembarco em Porto Alegre, hospedo-me com Henrique Scliar, o velho anarquista recebe-me com o afeto de sempre, não me faz perguntas. Durante a viagem amadureci um plano de ação, não pude fazê-lo antes, a noite eu a ocupara em despedida: Maria Condessa dos Seios de Limão, fidalga rural, viera de la hacienda na província do Oriente, o marido me enviava uma caneta de ouro, e mínima, perfumada de boceta. Católica praticante ela me trepava, pecava o pecado da carne, fogueira de lenho sagrado, gozava em latim: *mea culpa, mea maxima culpa*. Saía da cama por o confessionário.



### NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM

Manuelito d'Ornelas, escritor de projeção regional, meu amigo, é secretário de Educação do Estado. Tenho o endereço da residência, espero o fim da tarde para visitá-lo. Vou devagar pela rua tranqüila, deserta de passantes, chego em frente à casa térrea, pela janela aberta vejo Manuelito sentado à escrivaninha lendo, bato palmas à porta. A esposa vem abrir, ao reconhecer-me contém um grito, manda-me entrar, rápida tranca a porta, vai chamar o marido, aproveita para fechar as janelas, sou um zumbi.

Converso com Manuelito na obscuridade da sala, a dona da casa foi providenciar um cafezinho: explico o problema, reage bem, coloca-se às ordens. *Vou falar com o Interventor em seguida, me espere aqui, volto com a resposta.* A senhora chega com as xícaras de café: *coei agorinha mesmo, sorri refeita do susto. Jorge vai jantar conosco, avisa Manuelito, eu vou sair mas não demoro.* Ela move a cabeça em concordância, pede licença, deixa-me só por um momento, vai à cozinha dar ordens para reforçar a bóia. De regresso faz-me sala, é inteligente, fala de livros, pergunta pelo Uruguai. Manuelito retorna, o general me espera à meia-noite, no Palácio.

Da meia-noite às três e meia da manhã o general Cordeiro de Farias e eu discorremos sobre a política mundial e a brasileira, os percalços da guerra, os prognósticos. Começamos pelo panorama das frentes de batalha, Manuelito me acompanhara para introduzir-me, participa, ele e eu arriscamos palpites, mas o general, falastrão e simpático, teórico em assuntos militares, pontifica. Manuelito se despede, deixa-me a sós com Cordeiro de Farias, entro no assunto, dou o meu recado.

Falo da posição dos comunistas, igual no mundo inteiro, tudo pela guerra, abandono do radicalismo, mudança se necessário do nome do partido — vem de acontecer em Cuba onde os comunistas e o ditador Batista se uniram em frente antifascista —, o que importa é derrotar Hitler, tudo o mais torna-se secundário, as palavras de ordem convocando à luta contra o Estado Novo já não têm razão de ser, nem a agitação social, reivindicações e greves, o importante é unir toda a nação em torno do governo, em torno de Getúlio. Cordeiro, dublê de militar e de político, ouve interessado.



## JORGE AMADO

Chego a Prestes, falamos de meu livro, eu o escrevi para ajudar a anistia dos presos políticos, sabemos que há um longo caminho a palmilhar antes de consegui-la, Cordeiro agradece-me os elogios feitos à sua atuação, relata circunstâncias, diz bem de Prestes, do comandante e do homem de princípios: nem por discordar da ideologia marxista e condenar o comunismo, deixou de admirá-lo e de estimá-lo, *na minha vista*, diz, *não admito que se levante a voz contra ele*. O acento sincero, a voz firme, sinto-me animado, avanço com a proposta da visita.

Visitá-lo? O general fica pensativo, como a pesar e a medir os prós e os contras. Bem que gostaria de visitá-lo, a situação de Prestes o confrange, não há direito de tratá-lo com tamanha crueldade, não esconde sua pouca estima por certas figuras do governo. Promete-me fazer uma demarche junto a Getúlio, tentará obter a autorização, mas será que Getúlio conseguirá dobrar Dutra, Filinto, Góes Monteiro, os demais centuriões do regime? Tem dúvidas, *Getúlio chuta com os dois pés, equilibra-se entre as tendências que se hostilizam no seio do governo, de um lado Lourival Fontes, de outro o coronel Afonso de Carvalho, mulato e nazista, imagine-se!* Não tem papas na língua, parece sentir prazer em abrir o jogo, revelar seu pensamento. Quanto à visita, Orlando Leite Ribeiro já tentara junto a Vargas salvo-conduto para visitar Luiz Carlos, não conseguira, os dois maiores amigos de Orlando são exatamente Prestes e Getúlio. O general tentará mas tem dúvidas sobre o resultado, é pessimista. *Vá ficando por aqui, disse-me em despedida, mas se receber ordens do Rio não terei outro jeito senão mandar lhe prender, quanto à visita vou mexer meus pauzinhos, vamos ver que bicho dá*. Leva-me até a porta de saída, os soldados de guarda batem continência.

Manhãzinha chego à casa de Henrique Scliar, espera-me em vigília, pensou que eu tivesse sido preso. Preso? Ainda não. Estou chegando do Palácio, de conspirar com o General Interventor, guarde sigilo. Meto a mão no bolso em busca de lenço para enxugar o suor do rosto, em vez de lenço elevo na mão o trapo negro, a calcinha de Maria Condessa dos Seios de Limão, na sala o odor de almíscar selvagem, o velho Scliar aspira: *que perfume*. Concordo, morto de saudade, desejo boa-noite, levo a roupa comigo, vou dormir.



ANEXO H – DOCUMENTO DO ACERVO JORGE AMADO QUE INDICA A ESCRITA  
DE O CAVALHEIRO DA ESPERANÇA

DO AUTOR:

Romances:

Os romances da Bahia:

1--O PAIZ DO CARNAVAL

2--CACAU

3--SUOR

4--JUBIABA'

5--MAR MORTO (Premio Graça Aranha)

6--CAPITÃES DA AREIA

AGONIA DA NOITE (inedito no Brasil)

SÃO JORGE DOS ILHEUS

CAEARE' (em preparo)

Biografias:

ABC DE CASTRO ALVES

O CAVALHEIRO DA ESPERANÇA (inedito no Brasil)

Poesia:

OS POEMAS DE JORGE AMADO (edição fora do mercado)

Teatro:

FILADELFIO (inedito no Brasil)

NOITE DE CAES (em preparo)